



VOZ de ANTAS

Director e Editor
M:BRITO FERREIRA

Administ.
A. FARIA

Propriedade da Paróquia
S.PAIO DE ANTAS

Redacção
CENTRO PAROQUIAL
Telef.87250/130/177

Compos. e Impressão
PAX — BRAGA

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

Nós, a Igreja e as Eleições

1. O editorial de um jornal deve definir claramente a posição deste frente aos vários problemas e situações concretas que se lhe deparam a nível local ou nacional. Posição esta assumida mediante as normas porque se rege, pelos valores morais, culturais e sócio-económicos que defende como mais justos para uma sociedade mais igualitária.

Assim, sobre o próximo acto eleitoral de 5 de Outubro temos uma posição alicerçada nos valores e ideais que defendemos. Os portugueses terão que se defrontar com as próximas eleições Legislativas (as Presidenciais, ainda estão relativamente longe) e com tudo o que uma campanha eleitoral, própria dum regime democrático, implica.

Evidente se torna, que como jornal de Igreja, ou mesmo que não o fossemos, não apoiamos especificamente qualquer partido ou coligação, nem queremos de modo algum alienar a nossa autonomia crítica e independência perante quem quer que seja.

Esta independência e autonomia não impedem que «Voz de Antas» tenha a sua opinião e a manifeste. Neutrais não podemos ser. Até porque no dizer de José Carlos de Vasconcelos «neutralidade é coisa que não existe, mesmo quando se proclama».

(Continua na página 14)

Foram êxito as "vitórias"

Decorreram com brio e entusiasmo as festas em honra de Nossa Senhora das Vitórias e S. Sebastião, realizadas nos passados dias 1, 2 e 3 de Agosto.

Desde há tempo que as festas são realizadas com o intuito de em cada ano, dar maior atracção não só aos paroquianos, bem

como a todos os forasteiros que nestas ocasiões nos visitem.

A comissão indigitada para a realização das festas, tem o brio, a atenção de ter o melhor «platel» de bandas, de ornamenta-

(Continua na pág. 11)

Memórias da nossa terra

X - A criação da freguesia de S. Paio d'Antas no séc. XI

Uma terra é um ser vivo e os seres vivos não nascem de improviso: já são gente antes de nascer. Não é um decreto ou um

documento que faz nascer um povo um povo tem uma alma que se vai definindo pouco a pouco, que ninguém sabe quando começou e que se vai moldando mais com o coração da sua gente que com a pena dos tabeliães. É por isso que eu penso que só pode fazer a história de uma terra quem a traz no sangue; a terra em que nascemos é um amor que nunca nos larga: nenhum estrangeiro consegue arrancar-lhe o seu segredo.

O que eu pretendo com esta «memória» não é dizer quando começou a nossa terra, mas apenas aproximar o mais possível a data da certidão do seu nascimento, ou seja, a data em que S. Paio d'Antas aparece pela primeira vez como freguesia.

É claro que S. Paio d'Antas já era povo antes de lhe passarem essa certidão: as suas origens acenam de muito mais longe. Há por aqui toda uma série de vestígios e de monumentos que permitem chegar quase até ao seu berço pré-histórico — o seu verdadeiro seio materno — e seguir depois os caminhos da cultura e do viver dos homens que nos precederam nestas berças e nestas fragas. Começai por Guilheta onde se encontram (ou encontraram) os vestígios mais antigos dos nossos antepassados — os picos asturienses — visitai depois as antas e as mamoas do Monte de Antas e da Caixa d'Água, lembrai o cemitério de Talhós, as suas cistas e os seus vasos campaniformes, subi ao monte da Cidade e descei com os romanos à «cidade de Redondas» de que falam as «Memórias Paroquiais», de 1758 e onde ainda encontrareis lousas e «tegulae» desses tempos de que os tombos não falam, mas onde a alma do nosso povo foi ganhando aquele amor à terra e aquela intuição para a sentir as coisas que são as nossas.

(Continua na pág. 11)

(Continua na pág. 4)

Sessão de Encerramento

Centenário do nascimento do poeta António Corrêa d'Oliveira

16-8-80 — Escola Preparatória de Esposende

(Palavras de António Corrêa d'Oliveira, filho do Poeta)

Exmo. Sr. Governador Civil de Braga
Sr. Presidente da Câmara
Sr. Arcipreste

Devo dizer algumas palavras de agradecimento. E começo por o fazer à Comissão organizadora desta homenagem.

O ano passado foi S. Pedro do Sul que iniciou as comemorações. Inaugurando-se as homenagens a meu pai, no Centenário do Seu Nascimento, irrompeu-se com o silêncio intencional que à volta da figura e da obra do Poeta tem sido feito. S. Pedro do Sul teve coragem para o fazer.

As gentes de S. Pedro, desejo renovar daqui, da terra onde nasci, passei parte da minha juventude, o meu profundo e grande agradecimento. À Câmara de Esposende, à JAEOCA quero afirmar também o meu reconhecimento pelo esforço que dispenderam para levar à frente esta Exposição e esta Sessão de Encerramento.

Eu disse o meu agradecimento; mas não só meu. É também de minha mulher e de meus filhos.

Não devo falar de meu pai, porque sobre ele já falou alguém que é da família, alguém em cujas veias corre o mesmo sangue e é herdeira, como eu, do mesmo espírito.

Desejaria lembrar, hoje, alguém que tem andado um tanto esquecido; quero lembrar nesta sessão minha mãe. Grande lavradora e grande obreira na realização da obra de meu pai.

Em 25 de Maio de 1912 casaram meus pais, e bem perto daqui, fundaram o seu lar e aqui se radicaram. Era minha mãe, herdeira dum nome e con-

tinuadora duma família de grandes tradições no Norte e neste concelho.

Sempre a nossa família esteve ligada a Esposende. Mas, foi sobretudo depois da intervenção de meu avô,

Pedro da Cunha Sotto Mayor, na luta da concessão do foral a Esposende, assim reza a história, el-rei D. Sebas-

(Continua na pág. 5)



O nosso Jornal

entrevistou o Presidente da Câmara de Viana do Castelo

A «revolução» fez efeito:

Os esgotos vão para o mar!

(LER ENTREVISTA NAS PÁGINAS CENTRAIS)

FESTA DE SANTA TECLA

«GUILHETA TRANSBORDOU DE GENTE E ALEGRIA»

— Maria Otília

Não recebemos dizer que as nossas gentes, desde crianças aos mais idosos, bem como as de outras terras vizinhas, ainda demonstram o mesmo entusiasmo, a mesma alegria que há uns tempos atrás, embora se diga que «a gente d'agora não liga a festas», o facto é que, inconscientemente ou não, deram testemunho daquilo que são ou foram — farristas — porquanto Guilheta à semelhança dos outros anos acomodou centenas de pessoas que não cessavam de transitar de um lado para o outro. No entanto, aqueles a quem a paisagem seduzia, abeiravam junto do rio ou no pinhal (não esquecendo o merendeiro acompanhado do «Kodak» do português, visto ser um local pitoresco encontrando assim, um ambiente propício para melhor observar.

(Mas) E lá vamos passando despercebidos sem darmos conta das transformações havidas, desde os nossos antepassados até aos dias de hoje.

(Continua na pág. 11)

(Continua na pág. 4)

Obras Paroquiais

— Tema sempre actual!

«A minha alma engrandece, louva e bendiz ao Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador! Magnificat!

É esta a palavra que brota do coração de quantos se empenharam e sacrificaram,

com entusiasmo, alegria e generosidade, para construir o recinto polidesportivo paroquial, 4.ª fase das obras paroquiais: parque infantil,

(Continua na pág. 11)

Frente solidária para a "Voz de Antas"

Meses de Junho, Julho e Agosto - 1980

Comissão Organizadora da Exposição da «Vida e Obra» do Poeta	5 000\$00	Mário da Silva Vieira — Guilheta	120\$00	Júlio Faria Gomes — França	1 000\$00
Joaquim Morgado — Forjães	1 000\$00	Alzira da Silva Arezes — Brasil	1 000\$00	Maria Rodrigues Meira Laranjeira — Azevedo	200\$00
Adão Gonçalves Pereira Ramos — Vila Mou	150\$00	Augusto de Azevedo Saleiro — Braga	200\$00	Maria Barros — França	500\$00
Empreiteiro Lages — Meadela	150\$00	António Moreira e Elisa — Bélgica	500\$00	Cândida Xicória — Braga	150\$00
João de Jesus Vilarinho — Porto	200\$00	Lucinda Martins de Oliveira — Estrada	200\$00	Domingos da Silva Salgueiro e Antonieta — França	400\$00
Viúva de António Piscó — Fotogravura	300\$00	António Pires — Argentina — Lugar da Estrada	100\$00	António da Cruz do Vale — França	200\$00
Francisco Meira Torres — França	236\$00	Rosalina Fernandes da Costa — Estrada	100\$00	Joaquim Alves Fernandes (Chafé) — França	200\$00
Maria Alice Miranda Trindade — Fão	200\$00	Manuel Agra — França	250\$00	Albino Faria da Silva — Forjães — França	500\$00
Teresa do Menino Jesus G. R. Neves — Guilheta	200\$00	António Dias da Cunha — França	500\$00	Martinho Faria da Silva — Forjães	150\$00
Angélica de Azevedo Neiva — Porto	200\$00	Armando Pires Vieira — Arábia	400\$00	Árlando de Almeida Torres Neiva — Monte	200\$00
Cândida de Azevedo Neiva — Porto	200\$00	Daniel Pereira da Silva — Forjães	500\$00	Fernando Gabriel Alves Macedo — Braga	200\$00
Palмира Alves de Azevedo — Azevedo	150\$00	Maria de Fátima Gonçalves — Holanda	500\$00	Norberto Rodrigues Meira — Matosinhos	200\$00
Anónimo — Trás-os-Montes	100\$00	José Nuno — França	400\$00	Manuel Augusto Gonçalves Laranjeira — França	500\$00
Mário Fernando Q. de Carvalho — Castelo do Neiva	500\$00	José Vaz de Brito — Azevedo	200\$00	Manuel Lourenço de Faria — Alemanha	400\$00
Amélia Azevedo — Azevedo	200\$00	Manuel Viana da Cruz — Azevedo	500\$00	Manuel Gomes e Cândida Ferreira — França	500\$00
Maria Emília G. Ferreira — S. Romão do Neiva	250\$00	Domingos Viana da Cunha — França	350\$00	Isabel Torres — França	500\$00
Maria Irene Gonçalves Ferreira — França	250\$00	Fernando Neiva da Silva Poças — Paços de Brandão	200\$00	António Fernandes Santos da Cunha — França	500\$00
Manuel de Sousa Cazeiro — Lisboa	200\$00	Amélia Pires Laranjeira — Belinho	250\$00	M. M. — França	250\$00
António Pires Torres — Estrada	100\$00	Lino — Belinho	400\$00	José de Barros Gonçalves Chasco — França	500\$00
Manuel Meira Rodrigues Laranjeira — França	500\$00	Lídia dos Prazeres Alves da Silva — Monte Real	250\$00	Maria Viana Alves — Porto	300\$00
Maria Irene da Costa Soares — Venezuela	500\$00	Joaquim Martins de Carvalho — Lisboa	200\$00	Aurora Viana Alves — França	200 Francos
Raul de Jesus Almeida Machado — França	300\$00	Torcato Gonçalves — França	500\$00	Domingos Rodrigues da Silva — Cima	100\$00
Domingos de Abreu Seara — França	200\$00	Bertrand Maria de Lurdes — França	250\$00	Carlos da Cruz Dias — França	160\$00
		David da Silva Pereira — França	250\$00	José Cerquera da Cruz, Lourinhã	150\$00
		Emílio Enes da Cruz — França	500\$00	Adélio de Azevedo e Sá — França	1 000\$00
		Ana da Silva — França	300\$00	Guilherme Viana do Vale — França	300\$00
		António Viana da Cruz — França	500\$00	Serafim Rodrigues Monteiro — França	500\$00
Arlindo Viana — Argentina — 100 Pesos		António Pereira Portela — França	1 000\$00	Laurentino de Faria Rolo — França	500\$00
Cândida Viana » 1000 »		António Rodrigues Meira Viana — Monte	350\$00	Cândido Alves Meira da Cruz — França	350\$00
Manuel Queirós » 1000 »		Maria Clara da Cruz Viana — Porto	400\$00	António de Jesus Vilarinho — França	400\$00
Hilário de Azevedo e Sá » 1000 »		Olívia Maria da Cruz Viana — Darque	350\$00	Domingos Alves da Cruz — (Alvarães) — França	500\$00
Manuel de Azevedo Faria » 1000 »		Augusto Neiva Meira da Cruz — França	350\$00	Amândio Viana da Cruz — América	500\$00
António de Matos Vitorino » 500 »		Zincogravura de Maria Rodrigues Viana — Guilheta	500\$00	Manuel Augusto Rodrigues Meira Torres — França	500\$00
Otilia Santamarinha » 400 »		José Alves Rolo Afonso — Azevedo	200\$00	Sérgio Rolo Portela — França	500\$00
Maria dos Santos Santamarinha » 200 »		Cândida Rodrigues Meira — Estrada	500\$00	Maria Cândida Faria Neiva — França	500\$00
Cândido Santamarinha » 100 »		Manuel Augusto da Costa Cruz — França	300\$00	Manuel Ferreira da Silva — França	500\$00
Manuel Lima (Esposende) » 100 »		António Fernandes Ritz do Sacramento — Esposende	150\$00		
Total em Esc. 16600\$00		Fernando Joaquim Martins Ferreira — França	500\$00		

A Administração agradece



Isaura Custódio

Isaura Custódio

Pelas 23 horas do dia 24 de Julho p.p. e após recepção dos últimos sacramentos, entregou a sua alma a Deus esta nossa irmã e conterrânea — Isaura Rodrigues Ferreira. Nascida no Lugar de Belinho, onde sempre viveu, teve como pais António Alves da Cunha (o tio António do Custódio) e Teresa Rodrigues Ferreira que, com espírito de luta, e muitas privações, conseguiram fazer a sua «casinha» de lavoura, activi-

dade em que educaram os seus filhos que Deus lhes dera.

Chegada a idade própria, escolheria para companheiro de jornada Manuel Martins Ledo de cujo enlace nasceram quatro filhos: Domingos, Lúcia, Manuel e Augusto. A este, grupo juntar-se-ia mais uma, a Laurinda, sua sobrinha, que ficara orfã de mãe aos 10 meses e que como se filha fosse, foi criada e educada pelos tios dedicados!

Os 74 anos e os trabalhos da vida foram acumulando os seus desgastes dos quais Deus se serviu para, à Sua maneira, a prevenir de que a vida terrena se aproximava do fim, dando-lhe tempo e disposição para bem se ir preparando para o grande «encontro».

A extremosa senhora era avó materna da nossa prezada amiga e distinta colaboradora, Maria Otilia, estudante Liceal, catequista e secretária da Associação da Juventude-JAEOCA.

O seu funeral, realizado com enorme acompanhamento, na igreja paroquial que encheu por completo, foi presidido pelo pároco em concelebração com outros sacerdotes, e constituiu uma inequívoca demonstração de apreço pela família enlutada e, não menos, fervorosa consagração das qualidades e virtudes pessoais, familiares e religiosas daquela senhora — esposa e mãe. Não esmuçaremos as grandes virtudes da extinta, limitamo-nos a estas palavras simples, que pretendemos calar como golvos de saudade na campa, aonde desceu.

«Voz de Antas» acompanha afectuosa e fraternalmente o sr. Ledo e familiares na

sua dor e saudade e pede aos leitores a caridade dos seus sufrágios pela sua saudosa esposa.

Olívia do Pico



Olívia do Pico

Olívia Alves, faleceu, no dia 20 de Agosto, com 68 anos. Filha de Manuel Alves da Cruz Novo e de Angelina Alves.

Nasceu no Lugar da Igreja, onde viveu toda a sua vida, e onde viria a falecer. Filha de pais tementes a Deus, foi educada nos sãos princípios da moral Cristã, quase toda a sua vida foi ocupada nas lides domésticas e no trabalho do campo, principalmente como jornaleiro na casa do sr. Manuel Martins Viana em S. Paio de Cima. Paz à sua alma.

Maria da Mariana

Maria Rodrigues Viana nasceu a 5 de Outubro de 1906 e faleceu a 20 de Julho de 1980.

Era filha de Manuel Alves Caseiro e de Mariana Rodrigues Viana; Seu pai era pedreiro e faleceu bastante cedo e ela bem nova conheceu as agruras da vida, trabalhando como doméstica em casa de um seu tio materno conhecido pelo nome de o Africano e depois como jornaleira onde quer que a chamassem.

Já moça idosa, casa com Manuel Alves da Cunha, viúvo, em cuja companhia viveu bastantes anos, ficando viúva passou a viver com uma enteada; o último tempo da sua vida no meio dos mais atrozes sofrimentos viveu-o na casa de seu irmão Bernardo que a acolheu carinhosamente.

Paz à sua alma.



Maria da Mariana

Notícias Locais

Fomentando a divisão?

Intervenção de ELIAS COUTO

Os últimos tempos têm sido férteis em críticas ao nosso pároco. Realmente, para muitos, ele é um divisionário que só puxa lá para cima, que não se importa com Guilheta.

Quando se erigiu o monumento ao emigrante, muitos desejavam, no sei por que obscuras razões, que esse monumento fosse colocado no melo do monte da Cividade. Na minha modesta opinião, a localização dessa homenagem ao emigrante é a melhor possível.

Construiu-se o ring e o parque infantil e as críticas voltaram. É certo que para os jovens e crianças de Guilheta e da Estrada não é muito cómodo deslocarem-se até à Igreja para praticarem um pouco de desporto e recreio.

Certamente que o complexo desportivo a melo da freguesia ficava muito melhor no aspecto de centralização.

Mas é necessário pensar noutros aspectos: a integração estético-paisagística e o embelezamento da nossa terra ficariam muito prejudicados com a fragmentação do referido complexo. É também necessário pensar que muitos dos que falam não se prontificam a arranjar terreno grátis ou a baixo preço nos locais onde de-

sejariam ver construído o tão falado complexo desportivo.

Voltamos à vaca fria: «O padre só puxa lá para cima» e não se interessa por mais nada. Eu penso que não é bem assim. Senão é reparar para o recinto anexo à capela de Santa Tecla. O que ele era e o que ele é! O recinto ainda não está nas melhores condições.

Não seria má ideia, por exemplo, substituir o paredão que muitos reclamam para a margem por uma fiada de choupos que dariam uma nota colorida ao recinto?

«Algo se fez e muito se fará», afirmou à tempos o pároco.

Esperém ...

Aconteceu

Depois de cumprido o serviço militar no Regimento de Comandos, Manuel Caramalho Pires, tendo concluído com êxito os exames de admissão, ingressou na G.N.R.

Ao novo defensor da lei e da ordem desejamos o maior sucesso no desempenho da sua missão.

Como então noticiamos, no passado ano lectivo a prof. Maria Meira Couto leccionou na ilha da Madeira, durante algum tempo. Durante o próximo ano voltará a trabalhar na referida ilha.

Abriu ao público, no lugar de Guilheta, junto à ordenha, uma nova loja de ferragens. O proprietário do referido estabelecimento comercial é o sr. José Gonçalves Cardante.

Durante o Verão vários acampamentos de férias se realizaram no litoral da nossa terra. Necessário é dar-se mais atenção à nossa praia como foco de turismo.

No passado dia 11 de Agosto o nosso conterrâneo Albino Torres Pereira, do lugar de Guilheta, sofreu um brutal acidente de viação junto à mercearia pertencente ao sr. José Brito no referido lugar.

Prontamente conduzido ao hospital de S. João, no Porto, foi operado de urgência tendo-lhe sido feita a ablação de um rim.

«Voz de Antas» deseja ao Albino um rápido restabelecimento.

O prometido é devido

A incapacidade de cumprir aquilo que se promete não é apenas apanágio dos nossos líderes políticos. Na realidade, essa deficiência manifesta-se também a nível local. Senão

vejamos: a actual Junta, pela voz do seu presidente, durante uma assembleia de freguesia, prometeu que em Agosto o parque de estacionamento junto à foz do Neiva e o acesso à referida foz estariam operacionais. Porém, Agosto chegou ao fim e, ou nós somos míopes e nesse caso precisamos de descomunais lentes de aumento ou então enganamo-nos na data.

Os veraneantes que ocorreram a esta magnífica praia não encontraram as mínimas condições para o fazerem.

Em face de tudo isto, pergunto novamente: Será que nos enganamos ao pensar que era para este ano? Senão, a que ano se referia o nosso estimado presidente?

Acidente

Quando regressaram a Portugal para férias, o automóvel dos proprietários: David Pereira e Acilda Alvarães, embateu num outro, em virtude deste ter feito um desvio, o que fez com que três automóveis ficassem amolgados. Felizmente não se registaram ferimentos pessoais.

Intervenção cirúrgica

Também a filha do mesmo casal — Paula Alvarães, baixará dentro em breve ao hospital, na França, a fim de uma intervenção cirúrgica a um braço.

A despeito das normas eclesiásticas em vigor

É-nos lícito perguntar, dado o direito que nos assiste:

— Quando será entregue a dezena de contos aproximadamente, saldo da festa dos Emigrantes/79? Responsabilidade recalda sobre Amândio Sampaio e Valdemar A. Nelva.

— Para quando o fim do «calvário» dos 24 800\$00, saldo da festa de Nossa Senhora dos Remédios? Responsabilidade recalda sobre José Maria Barbosa e outros.

— Nas mãos de quem se encontra o saldo de três mil e tal escudos? Sobre quem recai a responsabilidade?

A Família Paroquial tem direito a saber do destino dado a «tais dinheiros», pertença legítima da sua Igreja. A última palavra sobre tão *grave* como *Melindrosa* matéria, caberá ao Sr. Arcebispo, D. Eurico Dias Nogueira, por ocasião da sua Visita Pastoral à Paróquia em Fevereiro, próximo futuro.

Viriam a propósito, algumas reflexões sobre o que devem ser as festas religiosas, qual o espírito que as deve animar. Mas... teremos oportunidade de, nos próximos números do jornal, abordar tal tema. Apenas, por agora, recordarmos as orientações pastorais que os párocos devem pôr em prática e os cristãos acertar.

Assim:

1. Que as Comissões das festas religiosas sejam constituídas por cristãos honestos e praticantes, imbuídos dos critérios fundamentais do Evangelho, que conheçam e aceitem as orientações da Igreja e sejam capazes de dialogar e trabalhar em harmonia com o pároco.

2. Que as Comissões sejam aprovadas e nomeadas pelo pároco, não podendo este consentir nas mordomias das festas religiosas qualquer pessoa que pela desonestidade escandalosa da sua vida ou pelo notório desprezo da Igreja, no dê garantias de dignidade cristã e edificação dos fiéis.

3. A organização do programa de qualquer festa religiosa é feita de acordo com o pároco, os divertimentos devem ser dignos e ser ocasião das pessoas de todas as camadas sociais se encontrarem na alegria fraterna.

4. As festas de piedade realizadas só dentro dos templos, bem como as festas do

Corpo de Deus, Coração de Jesus, Imaculado Coração de Maria, Quarenta Horas, Primeira Comunhão e Profissão de Fé, embora com procissão, não necessitam de autorização da Cúria Diocesana.

5. Para todas as outras festas religiosas, após terem sido combinadas e aprovado o seu programa pelo pároco, requer-se licença prévia da Cúria Diocesana que será concedida, para cada caso, mediante requerimento assinado pelo principal responsável da mordomia e pelo pároco.

6. Do referido requerimento deve constar a indicação do titular da festa, o local, Missa, pregador, procissão, músicas e conjuntos, ranchos, verbenas e que os mordomos estão dispostos a cumprir as orientações diocesanas.

7. Nenhum cartaz de propaganda pode ser mandado imprimir pela mordomia, antes de ser submetido ao exame e aprovação do pároco, devendo ser eliminada qualquer expressão ou gravura destoante da dignidade das festas religiosas.

8. A Missa é a parte mais importante das festas religiosas. Escolha-se, por isso, para celebração da Eucaristia a hora mais conveniente, de modo que realmente a comunidade cristã local possa fazer dela o centro da festa, participando nela pela presença activa, pelo canto e pela comunhão sacramental. Recomenda-se aos mordomos que sejam os primeiros a dar exemplo desta participação e acabe-se com a prática de missa a grande instrumental com sermão por um distinto orador sagrado e com a assistência quase só das paredes, por ser a hora inconveniente.

9. Durante a Missa deve criar-se um ambiente próprio da celebração sagrada e não tocar clarins à consagração, aconselhando-se que o replique dos sinos e o estralejar dos foguetes se façam antes e depois da celebração eucarística.

10. As procissões são manifestações públicas de fé. Façam-se com dignidade e participação, não se dê azo ao ridículo, afixando dinheiros nas imagens ou nos seus mantos, ou figurando pessoas com trajes e idades inconvenientes.

Tenha-se em conta o trânsito nas estradas, sobretudo nas que têm grande movimento, de forma a não dar lugar a justas reclamações ou até a vitupérios contra a religião por pessoas que viajam e têm as suas urgências. Temos direito a procissões, mas não temos direito de interferir com o livre trânsito nas estradas.

11. É legítimo fazer promessas. Mas não se façam promessas ridículas e quando se hajam feitas sejam comutadas pois para isso têm poderes os sacerdotes.

O dinheiro das promessas é sagrado e, salva a intenção manifestada pelos oferentes, essas importâncias destinam-se à promoção do culto na festa, evangelização, catequese e caridade, de acordo com o pároco.

É proibido, seja a quem for, vender ouro ofertado em cumprimento de promessas ou ex-votos que possam conservar. Esta venda só pode ser autorizada pela Santa Sé, através da Cúria Diocesana.

12. Não se façam despesas excessivas com as festas religiosas. Tenhamos em conta o espírito cristão e as dificuldades económicas gerais em que se vive no nosso País. Não haja espírito de competição e valdade e irresponsabilidade quanto às despesas a fazer. Honrar os santos não pode ofender a dignidade das pessoas e dar um sentido errado às festas cristãs.

Prestem-se contas, apresentando-as ao pároco para serem publicadas e os saldos, se os houver, entreguem-se à Igreja para serem aplicados a bem do culto e da comunidade cristã local.

Em qualquer caso nenhuma mordomia pode considerar como pertença sua o dinheiro ou saldo das festas religiosas, cabendo-lhe somente a sua administração enquanto dura a sua mordomia e a entrega, onerada gravemente a sua consciência se o não fizerem, do que restar à Igreja, na pessoa do pároco.

† Júlio, Arc. Bispo de Viana

N. B. — Consultando as Tabelas de Taxas Diocesanas, Tabela C. n.º 5, pode ler-se: **Deve cobrar-se 10% da receita líquida das Festas promovidas por Comissões ou Mordomias.**

X - A criação da freguesia de S. Paio d'Antas no séc. XI

(Continuação da 4.ª pág.)

mente depois que a sua fama e o seu culto começaram a espalhar, em 967.

Por outro lado o mosteiro de S. Romão foi fundado pouco antes de 1022. Segundo o documento 680 de Diplomata et chartal, o presbítero QUEMDANUS fundou o mosteiro «IN HONORE BEATISSIME MARTIRIS CHRISTI ROMANI» que foi dedicado pelo bispo D. Afonso. «ET VOCAVIT EPISCOPUM ADEFONSUM ET PSOS DOM NOS SUPERIORI NOMINATUS AD DEDICATIONEM». Este bispo é, com certeza Afonso I que foi bispo de Tui até pouco antes de 1022. Ora, no «Livro dos Benefícios e Comendas» de 1528 S. Paio de Antas aparece como anexa ao mosteiro de S. Romão. Quer isto dizer que, já o era quando foi fundada? Se a assim fosse, teríamos que concluir que a freguesia foi fundada depois do mosteiro ou seja depois de 1022. Mas nem as Inquirições de 1220 nem as de 1258 nem tão pouco o «catálogo de todas as igrejas, comendas e mosteiros de Portugal» de 1320 falam nisso, e nós não podemos afirmar o que os documentos não afirmam.

Terá ela sido anexada no século XV a quando da reforma de D. Fernando Guerra? É mistério que espero esclarecer brevemente.

A conclusão é a seguinte: S. Paio de Antas como freguesia, ainda não existia no ano da morte de S. Paio em 925 e já existia em 1085 pois o seu nome já aparece

no Censual de Entre Lima e Ave desse ano. Segue-se que a freguesia foi fundada entre estas duas datas. Se se vier a provar que quando foi erecta era já anexa ao mosteiro de S. Romão, então este espaço, será muito mais reduzido: a freguesia teria sido fundada entre 1022 e 1085.

P. Dr. Adélio

A seguir: De como a nossa freguesia recebeu o nome de S. Paio d'Antas.

Obras Paroquiais

(Continuação da 1.ª pág.)

monumento ao Emigrante e seu recinto, Ring Gimnodesportivo e embelezamento do recinto e capela de Santa Tecla, cujos gastos ascenderam ao montante de **3 124 508\$00**.

A benção do parque de jogos a que se dignou presidir, no dia 12 de Julho p.p. o Revmo. Arcipreste de Esposende, marca o termo duma longa caminhada feita pela grande maioria da Família Paroquial em pensamento, oração, repetidos esforços, alguns sacrifícios e constante generosidade.

Depois de agradecerem a Deus a benção tão divinamente prodigalizada à construção deste complexo polidesportivo paroquial, é justa uma palavra de gratidão a quantos, de qualquer forma, colaboraram de boa vontade.

Foram êxito as "vitórias"

(Continuação da 1.ª pág.)

ção, etc., etc., para nada lhes ser observado, muitas vezes em jeito de crítica. Requer imenso trabalho bater porta por porta, para obter algum donativo para a sua realização, tentar arranjar um outro para comissário, sofrer muitas vezes ao ouvir respostas negativas e por vezes meio estúpidas e retrógradas. Claro que cada um é livre!

A fé, o interesse de cada um leva-nos a ser generosos e sem segundos pensamentos oferecer o que cada um tem em mente, não se ridicularizando perante os homens que de boa vontade se comprometem com o trabalho que lhes é destinado.

Dizia eu, acima que, as festas decorreram com brio e entusiasmo! Efectivamente na manhã de sexta-feira dia 1, os Zés-Preiras vieram dar um «ar da sua graça» pelos diversos lugares da freguesia. Na noite do mesmo dia, a procissão de velas, que saiu da capela de N.ª S.ª do Rosário. Na chegada houve sermão em honra de Nossa Senhora de Fátima. O único ponto negativo foi a falta de energia que impediu a transmissão do sermão para o exterior, deixando tudo «às escuras».

Acabava assim o primeiro dia do mês e da festa.

No sábado seguinte houve as entradas das bandas de música ao princípio da tarde, e à noite arraial nocturno, terminando o segundo dia de festa com fogo de artifício.

Dia 3 Domingo! O maior da festa e o último.

De manhã missa, depois a entrada de outra banda de música e por fim Missa Solene. À tarde Sermão, procissão terminando o dia e as festas com arraial minhoto com a presença de um conjunto.

Cabe agora, não em nome pessoal mas colectivo agradecer à comissão que tornou possível estas festas.

A próxima comissão que será proposta, um pouco de coragem e de ânimo, para que no próximo ano se diga novamente: «Foram êxito as vitórias!»

Cassiano Neiva

RECEITA:

Peditório na freguesia	81 200\$00
Oferta de emigrantes	142 300\$00
Diversos na freguesia e jovens	22 350\$00
Oferta das mordomas	29 100\$00
Rendimento na Salva	13 000\$00
Rendimento na Procissão	4 200\$00
Oferta de várias freguesias	35 100\$00
Oferta de vend. Ambulantes	4 300\$00
Promessas de Andores, Sermão e Missa	12 300\$00
SOMA	343 850\$00

DESPESA:

Banda de Gueifães da Maia	60 000\$00
Banda Musical de Melres «Gondomar»	54 000\$00
Banda de Pevidém	60 000\$00
Banda de Riba d'Ave	45 000\$00
Grupo de Zés Pereiras	9 000\$00
Conjunto «Micro-Music»	13 000\$00
Ornamentação do Arraial	7 000\$00
Armador	7 000\$00
Fogo de Artifício e fogo do Ar	60 000\$00
Serviços Municipalizadas, energia eléctrica	13 000\$00
Guarda Nacional Republicana	8 500\$00
Licenças diversas e selos	2 650\$00
Refeições a Músicos e Zés Pereiras	5 200\$00
Doces para figurados	1 800\$00
Velas para a Procissão	3 500\$00
Despesas diversas — transportes	2 800\$00
SOMA	418 340\$00

NOTA OPORTUNA: O pároco que é, afinal, o presidente nato de qualquer comissão de festa religiosa, secundando o «zelo» retaliatório dum — festeiro — baixou a cota que caberia a cada comissário para 280\$, menos 40\$ que no ano transacto, a fim de que o «tal» não onerasse gravemente, no dizer do Sr. Arcebispo-Bispo de Viana do Castelo, a sua consciência se houvesse saldo... positivo já se vê!...

Comissão para o ano de 1981

Benedito Neiva Meira da Cruz
Vitor Manuel da Silva Faria
José Fernandes Queiroz Gonçalves
Manuel Gonçalves Ribeiro
Salbino Pereira Mota
Manuel de Barros Costa
Manuel Augusto Viana Meira

Especializados em todos os trabalhos de Mármore, assim como Sepulturas, Escadarias, Peitoris, etc.

Marcelino, Silva & Silva

MARMORISTAS

Freguesia de Cabreiros (Junto ao Posto Médico) — Telef. 91161
4700 BRAGA

FESTA DE SANTA TECLA

«GUILHETA TRANSBORDOU DE GENTE E ALEGRIA»

(Continuação da 1.ª página)

A pequenina ermida que já existia no terceiro reinado de Portugal e passando várias modificações, é hoje a Capela de Santa Tecla, uma das mais antigas da região.

O seu Cruzeiro cuja data se encontra lavrada na própria pedra é de 1644, logo a seguir à Restauração e talvez por isso o nosso povo lhe consagrou sempre a mais grata afecção.

Quantos se lembram como era o terreiro da Capela há uns 30 anos atrás?

Hoje o recinto vai até junto do rio Neiva, graças aos benfeitores da família Monteverde (Castelo do Neiva) e outras do lugar de Guilheta.

Sobre a festa não podemos falar da sua origem pois efectua-se à mais de 700 anos.

Contudo podemos focar algumas das diversas formas porque passaram as pessoas que mais se empenharam para que a sua realização fosse um facto.

Apareceram os chamados «Bailes de Santa Tecla», em que os elementos que

mais trabalhavam para que tudo fosse avante, eram da família das «Rolas», sendo o tesoureiro das festas o tão conhecido João Penteadado que também era o «forte» dos ditos bailes.

Estes tinham como introdução umas danças tais como, «a dança dos lenços»; «das varas»; «das fitas ou mastros», e eram tão folclóricas que não mereciam ser esquecidas, embora haja pessoas que se recordam e a sua respectiva música.

Seguido da introdução havia o julgamento (pelo juiz), com a moça, o moço, a velha, o Jeremum dos Burrequinhos, o palhaço e outras tantas personagens.

Estes bailes com o decorrer dos tempos foram dados ao esquecimento. Oxalá fossem novamente lembrados enquanto há pessoas que têm algo na mente.

Desta breve história é fácil deduzir que não devemos jamais desprezar aquilo por quem os outros tanto se empenharam, mas sim tenhamos brio do que somos possuidores.

(Continua no próximo número)

Augusto Neiva Meira da Cruz, França	2 + 10 000\$00
Laurentino de Faria Rolo Fagundes, França	2 + 10 000\$00
Cândido Cunha e Ricardina, França (Irian)	5 000\$00 + 1 500\$00
Armando Pires Vieira «Manduca», Arábia Saudita	5 000\$00
Rosa Vaz Saleiro, Azevedo	4 000\$00
Domingos V. Fernandes, Guilheta	3 000\$00
Manuel da Cruz Pereira, França	3 000\$00
Fernando Neiva da Silva Pêças e Deolinda, Paços de Brandão	3 000\$00
Alguém de Azevedo, França	2 000\$00
António Gomes Moreira, França	2 000\$00
Basílio da Cruz Neiva, França	2 000\$00
Domingos Viana da Cunha, França	2 000\$00
David Rolo Soutelo, França	2 000\$00
Manuel Almeida da Cruz, Belinho	2 000\$00
«Tia» Lajota, Monte (mais)	500\$ + 500\$00
António Moreira e Elisa, Bélgica	1 000\$00
Herculina Saleiro da Cruz Austrália	1 000\$00
Carolina Barraca, França	1 000\$00
Maria de Lurdes e Bertrand, França	1 000\$00
Manuel Adão Martins Ferreira, Fr.	1 000\$00
Joaquim Alves Fernando, Fr.	1 000\$00
Manuel Adão Martins Ferreira, Fr.	1 000\$00
Joaquim Alves Fernando, Fr.	1 000\$00
Domingos Viana Lajoto, Fr.	1 000\$00
Isabel Torres e Manuel, Fr.	1 000\$00
Rogério Rolo Fagundes, Fr.	1 000\$00
Rosa Rodrigues Viana, Monte	1 000\$00
Augusto Torres, Fr.	1 000\$00
Amândio Viana da Cruz, América	1 000\$00
Manuel Ferreira da Silva, Fr.	1 000\$00
Augusto de Azevedo Vaz Saleiro, Braga	800\$00
Manuel Meira, Arábia Saudita	100 F.
António Rodrigues Meira Viana, Monte	500\$00
Domingos Azevedo, Cima	500\$ + 500\$00
Manuel Alves Caseiro, Lisboa	500\$00
Maria Lourenço Faria, Milheiro	500\$00
Manuel Gomes e Cândida Ferreira, França	500\$00
João Vilarinho, Porto	300\$00
Isménia de Jesus Costa, França	715\$00
Amélia Meira Laranjeira, Belinho	500\$00
Lívia dos Prazeres, Vila Real	850\$00
Ana da Silva, França	200\$00

(Continua no próximo número)

Bodas de Ouro Matrimoniais



No passado dia 27 de Julho, aproveitando a vinda a Portugal de seu filho, esposa e filhos, residentes no Brasil, festejaram 50 anos de casamento o Sr. Manuel Rodrigues Rio e a Sr.ª Sara Luísa Pereira. Para a gente de S. Palo é mais elucidativo dizer que os pais do sempre lembrado Padre Apolinário celebraram as bodas de Ouro de Matrimónio.

Foi na Igreja Paroquial de Lanhelas que a cerimónia teve lugar. Presidiu o Rev. Sr. P.e Amândio.

Rodeados dos filhos, netos e demais familiares, bem como de alguns amigos entre os quais se contava quem estas linhas escreve, porque, embora sem o merecer, continua a ser tratado e acarinhado como filho da casa, viveram este dia na alegria do Senhor!

O grande ausente foi de facto o Padre Apolinário! Ausente só fisicamente! Embora propositadamente ninguém quisesse mencionar o seu nome, para não avivar o espinho agudo da saudade, todos o sentíamos presente. Mas o dia era de festa! Só devia haver lugar para a alegria!...

Não foi sem profunda emoção que, à saída da igreja, ouvi dos lábios da mãe do Padre Apolinário: «O Sr. P. António tinha de estar presente, para o representar!» E duas lágrimas teimosas rolavam-lhe pelas faces. Sentime lisonjeado! Mais. Senti aumentar a minha dívida de gratidão para com esta família tão marcada pela dor e

sofrimento! Mas que maravilhoso exemplo de resignação cristã!

Apesar de tudo, foi em clima de alegria e espiritualidade que esta comemoração decorreu. Lá do céu o Padre Apolinário sorria e compartilhava! Quem o poderá duvidar?!

No mesmo dia festejava um ano de vida o neto mais novo do casal jubilado. O pequenino Davi, nascido no Brasil, poderá lembrar um dia a festa que lhe foi feita em conjunto com os avós e que ficou perpetuada na quadra que transcrevemos da recordação distribuída a todos os convidados:

«Voando pelo céu azul,
Ao fim de um Ano Feliz,
Vim do Cruzeiro do Sul
Procurar minha raiz».

Durante o almoço, eximamente servido no Restaurante da Madalena, em Ponte do Lima, várias pessoas dirigiram palavras de muito apreço, estima e admiração aos pais do nunca esquecido Padre Apolinário.

«Bodas de ouro são riqueza
Que exige distribuição:
Aos filhos, Felicidade;
Aos amigos, Amizade;
Para Deus, a Gratidão!»

Que Deus lhes conceda ainda muitos e dilatados anos de vida, para continuarem a fazer a distribuição generosa a que esta inspirada quintilha que transcrevemos faz alusão!

«VOZ DE ANTAS» associa-se à faustosa data desejando as maiores

venturas e felicidades ao casal jubilado e a todos os familiares.

P. António Sá



MENINOS:

José Augusto Santos da Torre, Guilheta
Elias Portela Mateus Neiva, Guilheta
Avelino Fernandes Torres, Guilheta

Vítor Manuel Salgueiro Ferreira, Guilheta
José Manuel da Cunha Enes, Guilheta
João Carlos Alberto da Cunha Enes, Guilheta
Vítor José Pacheco Cardante, Guilheta
David Cardante Rodrigues, Guilheta
Mário Jorge de Barros Monteiro, Estrada, (França)
Marco Paulo de Barros Monteiro, Estrada, (França)
Miguel Pires da Cunha, Belinho
Carlos Manuel Cardante Neiva, Belinho
Miguel Rodrigues da Cruz, Azevedo
Daniel Raimundo dos Santos Silva, Pereira
Marcelo Alexandre da Cruz Azevedo, Pereira

Dinis Filipe C. Cruz, Pereira
Vítor Manuel da Silva Vieira, Monte
Helder Araújo Martins, Monte (França)
Sérgio Sampaio Araújo, Monte (França)
Armando Crespo da Silva, Monte
Vítor Manuel da Cunha Laranjeira, Monte
Vítor Manuel Gonçalves Vitorino, Monte
José Manuel Vieira Gomes (24-8-80), Monte (França)
Carlos Alberto Vieira Gomes (24-8-80), Monte (França)
Abel de Jesus Costa

MENINAS:

Maria de Fátima Rodrigues de Sá, Guilheta
Célia Margarida Penteado Dias da Costa, Guilheta
Sílvia Maria da Torre Rolo, Guilheta
Cândida Maria Barros Azevedo, Guilheta
Sónia Maria Sobral Portela, Guilheta
Fernanda Sousa de Sá, Guilheta
Natália Gomes de Sá, Guilheta
Natália Maria Martins de Sá, Guilheta
Margarida Maria Martins de Sá, Guilheta
Lúcia Maria Torre da Lapa, Monte
Maria Lucinda Azevedo da Cruz, Monte
Maria Cristina de Azevedo Rodrigues, Azevedo
Justina Maria Cardante Morgado, Pereira
Amélia Maria Cardante Meira, Belinho
Marta Maria Laranjeira Vieira, Belinho
Margarida Torres Portela, Belinho

SERRALHARIA FERNANDES MANUEL MARIA DE CASTRO FERNANDES ALUMÍNIOS

Serralharia — Soldaduras

Encarrega-se de todos os trabalhos de serralharia para a construção civil

COVELO — LANHELAS — MINHO • TELEF. RESID. 92269

Breve história dos Coveiros do nosso Cemitério e da instituição dos seus Honorários

Apontamento de M. Faria Viana

Em tempos já distantes os corpos das pessoas falecidas eram sepultados no interior das Igrejas, e este trabalho era feito por voluntários que sem qualquer espécie de remuneração, praticavam uma das chamadas Obras de Misericórdia que diz: «enterrar os mortos». Após a implantação dos cemitérios e a passagem da sua jurisdição para a Autoridade Civil, na nossa terra ainda se manteve por algum tempo o mesmo sistema de voluntariado, mas a breve trecho se reconheceu que este trabalho deveria ser feito por pessoas certas que se prestassem a isso. Então, no princípio deste século, surgiu o primeiro homem que tinha o encargo de coveiro do nosso cemitério, foi o sr. Manuel da Costa Portas que escolheu para seu ajudante o sr. Manuel Monteiro.

Durante vários anos, desempenharam este officio sem receberem qualquer remuneração certa, apenas as famílias das pessoas falecidas os gratificavam consoante as suas possibilidades.

Mas em 1918 veio a epidemia conhecida por Pneumónica e vitimou o sr. Manuel Portas, ficando só o sr. Manuel Monteiro. Como nessa ocasião não tivesse mais ninguém que o quisesse ajudar andou ele só, juntamente com a esposa a dar sepultura aos corpos vitimados pela terrível epidemia.

A seguir em 1920 convidou o sr. Domingos Xavier da Costa para seu ajudante, e então os dois resolveram estabelecer um sistema de pagamento por avença, segundo o qual cada família da freguesia pagaria em géneros alimentícios ou dinheiro, por alturas do

S. Miguel uma quantia previamente estipulada. Este sistema mereceu o apoio da Junta de Freguesia, pois os coveiros comprometiam-se a sepultar as pessoas falecidas, e a zelar o cemitério e, ao mesmo tempo, por uma pequena cota anual, as famílias ficavam livres do pagamento por alturas dos funerais. Durante muitos anos vigorou este costume, tendo a freguesia aceitado bem esta avença, que era cobrada pelos próprios coveiros.

No entanto, com o falecimento do sr. Domingos Xavier da Costa em 1957, a Junta de Freguesia chamou a si o encargo da cobrança às famílias bem como proceder ao pagamento aos coveiros, tendo então estabelecido que a cota a pagar deveria ser obrigatoriamente em dinheiro. Desde então tem-se mantido tal costume, e vários coveiros têm desempenhado as suas funções. Até que,

a última Assembleia de Freguesia, por proposta da Junta sancionou esta modalidade de pagamento, tornando-a legal.

No entanto, ultimamente, algumas pessoas têm contestado esta determinação da Junta, e o mais curioso é que alguns são os próprios que assinaram a referida acta de legalização, mas, não admira que isso aconteça, porque em outros casos têm feito o mesmo. Bem sabemos que em tudo há sempre contestatários, mas ainda que este costume não fosse lei, bastariam os seus 60 anos de idade para ser respeitado, como de facto é pela maioria da freguesia.

**PREFIRA ELECTRODOMÉSTICOS «TROIA»
EXAUSTORES DE COZINHA, GRELHADORES,
YOGURTEIRAS, FORNOS PARA BOLOS,
PANELAS MÁGICAS, VARINHAS MÁGICAS**

RELOPA - Sociedade Metalúrgica Instaladora, S.A.R.L.

Rua Eng.º Ferreira Dias, 439-B
Telefone 697588/698188/696138

PORTO

Sessão de encerramento

Centenário do nascimento do poeta António Corrêa d'Oliveira

(Continuação da 1.ª pág.)

tião, só depois de mandar ouvir meu avô, que pertencia ao seu concelho e nessa época vivendo em Viana do Castelo, concedeu o foral a Esposende contra a vontade poderosa do Duque de Bragança.

Desde então, sempre a nossa família esteve presente, tanto nos grandes

como nos pequenos momentos da vida de Esposende.

Estou certo que meus filhos estão conscientes desse mesmo espírito e continuarão, repito, recontinuarão se for necessário. Mas, foi em Belinho, numa actuação mista de inteligência e de amor, que minha mãe doou a sua vida a meu pai, para que ele se pudesse realizar inteiramente como poeta e pudesse assim escrever uma

obra que ela sentia e adivinhava viria a ter grande repercussão na Literatura Nacional exercendo a maior influência intelectual na vida do País.

Por isso, lhe chamaram o poeta de Portugal Novo. Foi aqui que meu pai ao escrever «Verbo Ser e Verbo Amar», embora sempre tenha sido cristão, se afirmou definitivamente,

(Continua na pág. 12)

Os efluentes não serão lançados



Há um ano, precisamente, no dia 10 de Setembro, o Povo de S. Paio de Antas lançou o grito de alerta — NÃO À MORTE DO NEIVA — e, em marcha de protesto, desmantelou a conduta dos efluentes da Zona Industrial que transformariam o «seu» rio numa fossa pestilenta.

Esgotados os recursos pelas vias diplomáticas e havendo a sensação de que a Câmara Municipal de Viana do Castelo estava nas «tintas» para a saúde do Neiva, o Povo de S. Paio d'Antas para não sentir o remordimento de não ter feito o que lhe cumpria fazer: levantar-se em defesa do Neiva, deu um NÃO, decidido, categórico, rotundo e totalitário a esta nova espécie de vandalismo. S. Romão do Neiva fez coro connosco, cujos ecos de protesto se fizeram ouvir em todos os meios de Comunicação Social do país, e, ainda com ressonâncias de quando em vez, na Assembleia da República pela voz do Deputado, Arquitecto Gomes Fernandes — membro da Comissão de Defesa do Rio

Neiva. Castelo de Neiva não permaneceu alheio.

Enfim, as populações ribeirinhas perante o espectro de que o Neiva iria ser «rio morto», «bacio» de detritos, adal fedorento, cbarco de estagnação, congregou-se e decidiu-se a salvar o Neiva. Só ele, o POVO UNIDO o pôde conseguir.

«Voz de Antas», órgão oficial da paróquia de S. Paio d'Antas, formativo e informativo, quis ao fazer um ano sobre a marcha de protesto, entrevistar os gestores autárquicos da Câmara Municipal de Viana do Castelo para dar aos seus milhares de leitores o ponto da situação...

Os recortes e cartas, amontoaram-se em catadupa sobre a mesa de escritório... Tudo e todos alinham no «Exército de Salvação da Natureza», excepto, já se vê, aqueles que têm os olhos cheios de remelas ou os que fazem ouvidos de mercador às queixas e protestos do crime contra o Povo e contra a Natureza, de que seriam réus e autores, bem como, os que não vêm rendimento de capital

na lançamento do «Haver» contabilístico das Empresas, caso trabalhem na depuração dos efluentes.

«Voz de Antas» fez-se representar pelo Arquitecto Noé Dinis e por Maria Otilia; a Câmara Municipal de Viana do Castelo pelo seu Presidente, Sr. Manuel Lucínio Pires de Araújo. A conversa foi longa, cerca de três quartos de hora, bastante acesa na parte final. Teve lugar no Gabinete do Sr. Presidente, no dia 27 do passado Agosto/80.

Ei-la, na íntegra:

- Justificação da Nossa actuação.
- Motivos apresentados pela Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Elaboração do novo projecto.
- Compromisso de que os efluentes não serão lançados para o Rio Neiva.

VOZ DE ANTAS — Val fazer um ano em 10 de Setembro que se fez a manifestação contra a poluição do rio Neiva. A partir daí, não tivemos mais notícias, por parte da Câmara, sobre o que pensa fazer relativamente aos efluentes da Zona Industrial. Gostaríamos de saber em que pé estão os projectos dessas infra-estruturas, como é que a Câmara encara o problema dos efluentes, se vai ser respeitado o projecto, tecnicamente correcto, e quando é que isso se vai desenvolver. Qual será, portanto, a saída deste problema dos efluentes da Zona Industrial?

PRESIDENTE DA CÂMARA — Ora bem, eu gostaria de lhe dizer que, quanto a mim, todo o processo que conduziu à destruição daquela parte da canalização, e que vai envolver para a Câmara, e, portanto, para os contribuintes municipais, e até nacionais, uns largos milhares de contos, foi um processo errado. Porque todos nós sabemos que as populações reagem segundo pressupostos que se lhe põem, de maneira a que elas sintam que aquilo é mau e então reagem, e reagem em consciência de que estão a praticar e aquilo que estão a fazer.

Ora, quanto a mim, ou porque foram mal informadas aqui na Câmara, ou porque realmente não houve um esclarecimento capaz das pessoas que contribuíram para que aquela manifestação se desse, a verdade é que houve, realmente, a destruição; e, eu digo, que poder-se-ia ter evitado se houvesse o tal esclarecimento.

Em primeiro lugar, quero-lhe dizer que nenhuma das fábricas que estão previstas para ali, de resto estão todas adjudicadas na primeira fase, têm efluentes que não sejam provenientes das respectivas casas de banho, salvo a fábrica de ferramentas de aço que tem de facto, algum efluente que provoca poluição.

Em qualquer circunstância, nenhuma fábrica poderá deitar esgostos nas respectivas canalizações gerais sem prévio tratamento à saída da mesma. Repare bem: quem faz as ligações é a própria Câmara através dos seus serviços; por conseguinte, jamais poderiam fazer uma ligação sem que houvesse o tal tratamento prévio à saída da fábrica. Portanto, aqui, imediatamente uma solução intermédia.

Mas no final da canalização, antes de chegar ao tal ribeiro, estava prevista aí uma outra estação de tratamento. Evidentemente, que naquele projecto que se lançou e se pôs em curso, a obra adjudicada da canalização, não estava essa estação de tratamento, mas sempre foi intenção da Câmara, e não o deixávamos de fazer.

● Os esgotos irão para a estação da tratamento, chamada ETAR, e daí, para o mar

Nós sabíamos que o ribeiro secava no Verão, portanto, não poderíamos deitar os esgostos aí, sem serem, pelo menos, tratados. Iamos, pois, fazer ali uma estação de tratamento que, segundo os técnicos, eu não sou técnico nessa matéria, a água, quando saísse para o ribeiro, iria completamente limpa.

Mas, esses são factos que apenas importa lembrar para ficarem registados, os factos estão consumados. A população não aceitou, não importa se bem ou mal esclarecida, e a Câmara resolveu fazer um novo projecto, adjudicou esse projecto. Esse projecto foi-me entregue há dias e custou-me mais 4 200 contos.

É certo que envolve não só os esgotos da Zona Industrial, como também de Neiva, Anha e Darque, com a estação de tratamento geral para estes quatro sectores. É um projecto altamente dispendioso e será lançado por fases.

A Câmara não iria dar um passo sem primeiro se reunir com as pessoas que encabezaram a tal comissão. É o que irei fazer dentro de dias. Vou-lhes mostrar o projecto e perguntar-lhes se estão de acordo.

Portanto, as águas já não vão para aí. Ião ser lançadas no mar, através da ribeira de Anha, mas sempre canalizadas, nunca a céu aberto. Ião para a estação de tratamento chamada E.T.A.R. e daí para o mar. No entanto, os técnicos continuam a afirmar, consta aí no «coisa», que a água depois de sair da estação de tratamento e perfeitamente bebível. Há certas cidades do mundo que aproveitam efectivamente essas águas. Reaproveitamos-nos... Evidentemente que nós não chegamos a esse ponto; portanto, vamos deitá-las ao mar, naturalmente.

O problema está neste ponto; vamos dar os primeiros passos, ou por outra, os primeiros passos foram dados através do projecto. Agora vamos dar os primeiros no contacto com a população, a ver se a conseguimos convencer de que esta será uma solução.

V. A. — Podemos ter agora um certo diálogo sobre estes pontos, que me parecem muito importantes e muito objectivos.

Frisou que realmente foi uma pena a destruição dum património que estava construído...

P. C. — Que é de todos!...

V. A. — ... que é de nós todos, e que as populações, talvez mal informadas (!), avançaram precipitadamente na sua destruição.

Eu, além de fazer a entrevista, devo confessar-me participante nesse movimento. Digo isso sem qualquer aspecto de provocação, mas, sim, confessar-me que estou inteiramente solidário com a manifestação que se fez.

Por conseguinte, eu penso que não havia outra alternativa para as populações da Foz do Neiva, da zona de S. Paio d'Antas e ribeirinhas do rio Neiva, salvo outro tipo de interpretação que neste momento não vejo qual seja, as populações agiram, quanto a mim, em legítima defesa.

Repare: era um facto consumado que aquela conduta ia desaguar no ribeiro. Isso é um facto objectivo... Ela estava lá à vista que a conduta virla da Zona Industrial e ia desaguar no ribeiro...

Eu pergunto: depois deste facto consumado, uma das primeiras fábricas que iria desaguar para lá seria a F. N., e, neste momento, tem uma produção de tacos de golfe e de cromagem de armas, e tem tanques de cromo; é evidente que esses tanques de cromo, depois das utilizações sucessivas, serão abertos para a conduta. Que me conste a fábrica F. N. não tem nenhuma central de tratamento dos seus efluentes... E, pelo que nos diz toda uma análise

das zonas industriais, os tratamentos autónomos, ou feitos pelos empresários, pelas fábricas, são normalmente tratamentos defeituosos; porque além de muito caros, podem efectivamente, numa fase de ligação, serem detectadas avarias, mas posteriormente, durante o seu funcionamento, ligadas a um colector geral, será muito difícil, isso está provado em toda a parte do mundo, atribuir a A, a B ou a C as responsabilidades da poluição.

Portanto, e como sabe, é muito difícil tratar efluentes, pela manutenção das centrais e pela sua própria instalação.

Depois de iniciada o destino dos efluentes, ligados a uma conduta geral, qualquer acidente que haja, qualquer avaria que haja numa fábrica, seria de extrema dificuldade detectar qual dessa fábricas está a poluir... E, entretanto, tinha-se dado o desastre!...

Portanto, a hipótese que nos põe de que foi realmente precipitado o evitar a todo o custo que aquela conduta fosse consumada, eu, desculpe, não sou inteiramente da mesma opinião...

Foi pena que aquilo se tenha dado, mas não havia outra alternativa para as populações. Foi um acto de legítima defesa! O desaguar a céu aberto uma conduta numa zona industrial para um ribeiro, para um rio, fazer do rio o veículo para o mar, é uma coisa que neste momento, no fim do século XX, é já um crime contra a natureza!

● As populações estavam mal informadas e agiram em consequência disso (!!!).

Não é possível permitir, mesmo com toda a boa vontade, com toda a salvaguarda que os poderes públicos nos possam dar, permitir que uma situação dessas se venha sequer a consumir!

Eu peço-lhe que compreenda que não foi, efectivamente, um acto impensado. Nós tivemos vários diálogos com a Câmara, tentamos a todo o custo que essa situação se consumasse; porque sentimos da parte da Câmara uma certa defesa intransigente da solução e situação que nos estavam a propor, foi por isso que as populações, in extremis, e em legítima defesa, tentaram a todo o custo evitar que a solução se consumasse, como lhe disse.

Neste momento, sabemos que há uma fábrica de ferramentas a F. N. Já não é uma unidade do mesmo teor de poluição e sabemos que os tanques de cromo são elementos altamente poluentes; portanto, isto é uma fase. A Zona Industrial irá ter as 2.ª fases e 3.ª fases, e as Indústrias que poderão ir para lá não sabemos muito bem quais são. A longo prazo, não poderemos controlar, até porque uma zona industrial é uma zona franca, e a menos que haja extrema poluição aérea que poderá ser recusada, mas de resto é uma zona franca de indústria, desde que mantenha determinados parâmetros, que o seja poluição por água e haja possibilidade de tratamento dos efluentes, em princípio são fábricas a aceitar.

P. C. — Não, não aceitamos todas as fábricas...

V. A. — Bom, a intenção da Câmara...

do Castelo à «Voz de Antas»

lançados para o Rio Neiva

P. C.—Temos recusado dezenas de hipóteses...

V. A.—... Sim, sim, é natural, porque o seu teor de poluição, talvez, seja incontrolável.

P. C.—Exacto!

● A «revolução» fez efeito: os esgotos vão para o mar!

A Câmara resolveu então mudar o sentido do desaguar dos efluentes para outra zona, ou seja, o mar na Ribeira de Anha. Portanto, só por isto, eu tenho que repetir, porque eu estava dentro do problema visto que pertencia à vereação da Câmara anterior, a Câmara não deixou de acautelar todos esses problemas ou seja a zona de turismo que o Rio Neiva pode significar, a zona económica que também pode significar, tudo isso foi acautelado porque os efluentes que ali seriam lançados seriam sem grande significado.

O facto da fábrica das armas não ter nenhuma estação de tratamento, isso não significa que não a tenha que pôr se quer ligar à canalização geral, porque se não, não liga.

V. A.—Posso ainda pôr-lhe uma pergunta? Mas, continua a haver um certo vazio na relação destes dados. Pelo seguinte: se efectivamente a Câmara tinha pensado pôr uma central de tratamento no final da conduta, e os efluentes que fossem lançados ao ribeiro seriam efluentes tratados, nessa altura eu pergunto: porque é que não fez a central de tratamento e posteriormente não fez a conduta? Isto é: ou nós eramos de tal maneira... enfim, tudo aquilo que estava a acontecer-nos levaria a aceitar em plenitude tudo aquilo que a Câmara nos dizia ou então havia alguma coisa que estava mal.

Penso que as populações não estavam tão mal informadas como isso, porque se efectivamente fosse a Câmara que executasse o projecto, de acordo com as palavras que nos está a dizer, não há dúvida nenhuma que nessa altura, a conduta não estaria a desaguar no ribeiro, mas estaria para uma central e não era isso que se estava a verificar.

P. C.—Perdão! Não se estava a verificar porque quando nós lançamos uma obra ela tem várias fases.

V. A.—Desculpe só... nós quando fazemos um automóvel, fazemos o automóvel com o motor, porque se não fazemos o automóvel com o motor ele não anda...

P. C.—Certol Certo, e...

V. A.—... nós para fazermos um projecto de infra-estruturas, para fazermos uma central, nós quando fazemos uma casa fazemos as canalizações, mas fazemos também a fossa. Não vamos fazer as casas...

P. C.—...mas, se me dá licença...

V. A.—...sem a fossa, porque nessa altura...

P. C.—... está certo, está certol O que o Senhor diz está certo. O que acontece é que o Senhor acabou por não me deixar completar a minha ideia e, por conseguinte, o senhor acaba por fazer juízos, enfim, precipitados, sem valor.

Ora bem, eu estava a dizer que a Câmara iria dar guarda a todas essas fases. Agora, quando se lança uma obra ela tem várias fases, como o senhor disse, o motor, não sei que mais. Pois, como toda a gente sabe, o motor é feito numa fase, o carro noutra, depois na montagem é que cada componente entra na sua vez.

Aqui a Câmara iria também fazer da mesma forma; só que nós precisávamos de fazer os arruamentos da Zona Industrial porque as fábricas precisavam de se construir. Mas para se fazerem os arruamentos era preciso primeiro implantar as canalizações. Portanto tivemos que lançar a empreitada das canalizações internas da Zona Industrial, isso não significa que se fosse ligar quaisquer fábricas, pois as fábricas nem sequer estavam construídas nenhuma delas.

Portanto, nós tivemos que lançar a empreitada de implantação das canalizações para seguidamente podermos completar os arruamentos, para que imediatamente se pudesse começar a construir as fábricas.

● A Câmara não está aqui para fazer um frete à F. N.

P. C.—...na canalização não metia os esgotos sem primeiro estarem devidamente tratados. Este é ponto assente, não é?! A Câmara não está aqui para fazer um frete à F. N. ou a outra qualquer, a Câmara está aqui para defender as populações, para agir em seu benefício. A F. N. é uma coisa velha que já lá está há muitos anos; portanto o circuito foi montado para servir umas tantas fábricas, que se estão a instalar ali, naturalmente novas; quando não

havia nem sequer uma única fábrica montada; quando eu já disse porque é que se lançou a empreitada das canalizações, etc., eu não vejo que mal é que poderia ter estarem as canalizações feitas e não estar... não estar a ETAR feita...

V. A.—Eu aprecio-lhe as qualidades de batalhador porque é realmente um homem público e isso faz parte, digamos, da dinâmica do homem público.

P. C.—... eu acho que o senhor tem de se convencer e eu tenho, eu tenho...

V. A.—Claro!, eu acho que é muito fácil. Repare: não havia efectivamente fábricas nenhuma, mas havia a conduta e as fábricas iam fazer-se. E se não havia fábrica nenhuma, também eu pergunto, pego no...

P. C.—Enquanto se faziam as fábricas também nós poderíamos...

V. A.—Mas, nessa altura também...

P. C.—... fazer a ETAR.

V. A.—...mas eu nessa altura, pego no argumento do senhor Presidente. Então se não havia fábrica nenhuma porque se pôs a conduta até ao rio?

P. C.—Porque era preciso...

V. A.—Não era preciso... ali não havia problemas de infra-estruturas...

P. C.—Repare: nós tínhamos, ... a empreitada... o projecto foi feito no conjunto de toda a Zona...

V. A.—Claro!

P. C.—... e por conseguinte nós ao lançarmos a empreitada, lançou-se até ali, pronto!

V. A.—Pois sim, mas isso não é a situação correcta...

P. C.—Não se deveria, quanto a mim, suspender os trabalhos porque isso iria onerar extraordinariamente o erário da Câmara. Nessas circunstâncias, pois, nós devíamos ter feito a canalização e deixá-la só na primeira fase. Bom, ali da estrada para baixo não passava.

Podia ser uma solução. Ninguém contradiz isso. Mas, como se lançou a empreitada sem essa solução, mas vindo até cá baixo, mas como não havia fábrica nenhuma ligada nem se podia ligar, as populações assim como agiram naquele momento também poderiam agir mais tarde, dali a um ano, porque dali a um ano se a ETAR, a central de tratamento não estivesse feita, então tinham toda a razão para actuar. Por isso é que eu penso que foram mal informadas.

V. A.—Eu continuo a apreciar esse seu espírito batalhador. Simplesmente há uma falha no raciocínio do Senhor Presidente. Desculpe ser tão objectivo. Se o projecto existisse com a tal central de tratamento que diz que a Câmara tinha previsto, seria um desperdício de dinheiro a Câmara levar a conduta além daquilo que era necessário.

Primeiro, a conduta atravessa um pinhal sem qualquer rede viária, sem qualquer construção sobre o terreno, portanto era uma zona, era uma terra de ninguém. Se no projecto existisse de facto uma central de tratamento em determinado ponto daquele local era evidente que a conduta só iria até ali. E com certeza que a central de tratamento não ficaria em cima do ribeiro. Até porque não tinha espaço para isso...

P. C.—Ficava ao lado.

V. A.—...ao lado. Bom, portanto uma central de tratamento é uma coisa que ocupa espaço. Haveria concerteza, pelo menos, a zona de implantação da central de tratamento. Se o projecto existia, se existia essa central de tratamento...

P. C.—Os projectos das centrais de tratamento estão feitos. São projectos tipo...

V. A.—...mas existe. Quando se faz um projecto... existe...

P. C.—... nós encomendamos um e em 15 dias deram-no-lo...

V. A.—Mas há outros problemas, outros pormenores importantes. É que nós tivemos acesso e vimos que efectivamente, o que estava previsto no dreno que foi construído, era o dreno ligado ao ribeiro. E não vimos que esse dreno fosse interceptado por nenhuma central de tratamento. Esse projecto foi-nos posto ali em cima da mesa do Senhor Presidente. Havia realmente...

P. C.—Certol Certo! O projecto de canalização não tinha estação de tratamento...

V. A.—Portanto, senhor Presidente...

P. C.—...o que lhe digo é que a estação de tratamento é um projecto autónomo. Eu tenho ali um volume... tenho...

V. A.—Não, mas eu refiro-me à estação de tratamento que o senhor Presidente falou à pouco que estava prevista desde o princípio à saída junto ao ribeiro...

P. C.—Sim, sim!

V. A.—... porque nós tivemos acesso aos projectos e não estava lá nada, nem sequer a sua implantação.

P. C.—Não estava... não sei se no projecto estava ou se não estava...

V. A.—Nós vimos se ela existia. Havia uma conduta para o ribeiro e uma seta... era a única coisa que existia. Havia um tracejado grosso...

P. C.—Havia uma central de tratamento junto ao ribeiro...

V. A.—... havia um tracejado grosso e no fim uma seta para o rego. Portanto um despejo de efluentes a céu aberto. Isso era o que estava previsto. A população de S. Palo d'Antas não problema com aquela conduta. Inclusive vem pôr, repor aquilo que desfez ao local. Se isso for necessário para que o problema seja resolvido cabalmente, pois, todos nós damos uma manhã de trabalho e vimos de novo pôr a conduta tal como ela estava. Simplesmente, o que nós exigimos...

P. C.—Uma manhã?!...

V. A.—Foi uma manhã que demorou...

P. C.—Bem, destruir é fácil. Agora...

V. A.—Bom, mas aquilo é pessoal que quando trabalha com coragem não há nada... não há nada que não mova, movem-se e removem-se montanhas. Mas é fundamental que este estigma de que a população de S. Palo d'Antas foi mal informada, agiu precipitadamente...

P. C.—A população não tem nada a ver com...

V. A.—... ou os mentores dessa...

P. C.—... a população... a população...

● «Havia uma central de tratamento junto ao ribeiro»... Onde?

Acontece é que com estes problemas todos as canalizações, afinal, implantaram-se só que poderíamos ter suspenso a empreitada naquele braço que vem até cá abaixo. O resto cá em cima, na 1.ª fase, elas lá estão implantadas, os arruamentos acabaram por se começarem a fazer, não estão acabados nem coisa que se pareça, porque entretanto todo o processo se suspendeu; até o processo da 2.ª fase, que agora se vai recomençar. E por conseguinte a Câmara actuou com cabeça tronco e membros; só que é possível que não lhe deixassem fazer o corpo inteiro mas foi o que aconteceu.

V. A.—Ainda sobre esse pormenor... não sei se tinha mais alguma coisa a dizer? ... ainda sobre esse pormenor, eu vou ter de pedir-lhe outro esclarecimento: Não há dúvida nenhuma que o que nos está a dizer tem toda a lógica. Simplesmente a conduta val até determinado ponto. Tal como estava feita não havia segundas hipóteses. A conduta era uma conduta inteira que ia desde a F. N., atravessava a estrada nacional e ia até ao ribeiro.

Seria perfeitamente impensável, seria perfeitamente precipitado, seria um gesto gratuito por parte das populações se essa conduta a 20 ou 30 metros do ribeiro tivesse parado e então nos dissessem: Este terreno que vai da conduta para a frente é para a implantação da central. Se esse acto não se tivesse consumado...

P. C.—Foi o tal falso esclarecimento... evidentemente poder-se-ia ter dito ao empreiteiro: páre aí a 20 metros...

(Continua na pág. 9)



SOUBEMOS E REGISTAMOS

De 617 Igrejas ortodoxas que existiam em Moscovo, antes da revolução, apenas restam abertas 47.

E os soviéticos de cá continuam a fazer-nos crer que não só permitem a liberdade religiosa... mas até favorecem a prática do culto! Serão parvos ou quererão fazer de nós parvos?!

O General Pedro Cardoso afirmou recentemente que «o exército não tem sido atingido pelo desgaste do Conselho da Revolução».

O facto de Pedro Cardoso fazer parte do Conselho da Revolução confere-lhe inegável autoridade! Sobretudo quando as suas palavras não se resumem a auto-elogios despropositados como tantas vezes os temos ouvido, vindos da boca de outros Conselheiros!

Registou-se uma crise gravíssima no Futebol Club do Porto.

Quando começava a delinear-se a solução da crise, aparece um comunicado do Partido Comunista. Era de esperar o aproveitamento político!

A missão dos comunistas nos países do ocidente é provocar o caos. E onde ele existe... tentar mantê-lo! Não fazem assim porém, nos países de leste. Aí a disciplina é de ferro. E os Jogos Olímpicos de Moscovo foram disso mais uma demonstração!

Há dias ouvimos uma conversa de café que achamos interessantíssima. Um cavalheiro afirmava a pé junto que o selo de circulação não tinha baixado. O outro mostrou-lhe o de 1979 que marcava 1050\$00 e convidou-o a ir ver o deste ano que marcava 960\$00. Perante a evidência respondeu que o que tinha baixado tinha sido o imposto extraordinário!... Em resposta ouviu: — Diga V. o que disser o que é certo é que em 1979 paguei 1050\$00 e este ano paguei 960\$00. E são essas as quantias que os respectivos selos marcam!...

Nem assim se calou! Apeteceu-nos sorrir. Caturras sim, mas não tanto!

Tem-se falado muito de terrorismo verbal. A propósito vimos escrito:

**«Mil partidários caturras
Combatem em Portugal
As embuscadas dos turras
Do terrorismo verbal».**

Será difícil saber quem seria mais digno de receber o «Prémio Nobel» do terrorismo verbal! Tal o número dos candidatos!

Já tem chegado ao nosso conhecimento que há quem lamente que nós só registemos notícias desfavoráveis aos comunistas. Talvez tenham razão. Que saibamos só em Berlim é que existe «UM MURO DA VERGONHA».

Nós não temos culpa de que este muro tenha sido construído. Se por dar a notícia somos culpados, de bom grado aceitamos essa culpa! Mais. Garantimos que daremos a notícia da construção de outro muro da vergonha logo que ele seja construído... quer sejam os americanos, quer os russos os construtores.

Dizem-nos que este governo nada fez do que prometeu. Para confirmar esta afir-

mação negam que tenha baixado o preço do azeite, da carne de vaca, de porco e de borrego, dos medicamentos importados, dos automóveis, da contribuição predial, do selo de circulação...

Que se há-de fazer?! Negar a evidência... é fazer demagogia! Mas há quem não saiba fazer outra coisa!

Um reformado em 1972 recebe cerca de um terço do que recebe aquele que se reformou ultimamente. Isto vimos escrito por um leitor aposentado em 1972. Referia-se a funcionários da mesma categoria, letra T.

Aqui denunciámos a injustiça. É ao governo que compete corrigi-la. Se é certo que «Roma e Pavia não se fizeram num dia» não é menos certo que injustiças gritantes como esta bradam aos céus! É tempo de o governo se debruçar sobre problemas como este. Contra a injustiça — eis o nosso grito! Soltá-lo-emos sempre e cada vez com mais força, independentemente de cores políticas!

Dizem-nos que as pensões dos reformados aumentam na mesma percentagem dos aumentos dos funcionários e sempre que estes sejam aumentados.

Apoiamos. Mais. Lamentamos que nenhum governo anterior a não tenha tomado, até porque os reformados não têm poder reivindicativo! Greve? Só se for greve de fome para morrerem mais depressa!

Morreu o ex-Xá da Pérsia.
Os meios de comunicação social do nosso País não se consaram de o apresentar como ditador e opressor do seu povo! Não somos nós que vamos negar essa realidade! Mas que contraste com os comentários feitos sobre Tito! E também Tito foi ditador e opressor! Será isto mentira?

Mais dezasseis condenações à morte em Luanda: elementos da UNITA. Considerados lidmos representantes do povo angolano pelos apressados descolonizadores, são considerados agora traidores, pelo governo de Luanda. Já foram executados. E não houve manifestações de rua nem Embaixadas incendiadas! Isso só seria possível se as execuções fossem na Bolívia, África do Sul, Chile, Espanha (em tempos de Franco!) ou em qualquer outro país com regime de direita!

Entre nós a vida de um homem de esquerda tem muito mais valor que a de um homem de direita! Complexos de esquerda que ainda não foram ultrapassados!

Alvaro Cunhal afirmou que «se o PCP tivesse estado no poder, a direita não estaria lá hoje».

Concordamos. Desde que os comunistas cheguem ao poder cessa o direito de existência de outros partidos. Que o digam os russos, cubanos e todos os povos de Leste!

A campanha eleitoral vai fornecer-nos tantas razões para nos divertirmos.

«Para evitar os tormentos
Dos martelos e das foices,
Há que curar os jumentos
Que andam por aí aos coices».

Ora digam lá se isto não dá para rir! O humor continua em maré alta!

PCP e FUP consideram como objectivo principal derrotar a AD.

O bem do povo passa para segundo plano, quando está em causa a partidocracia! E depois ofendem-se por nós os não tomarmos a sério!

Mário Soares acusou sempre a AD de falta de «coerência interna». Tem o direito de o fazer, pois que é livre!...

Ao vir-nos dizer agora que a FRS vai «abrir-se a individualidades sem partidos, a homens de pensamento, de ciência, e da arte, a republicanos, a católicos progressistas, a socialistas sem partido, a social-democratas sem partido», nós gostaríamos de lhe perguntar onde existirá a «coerência interna» na FRS? Aliás a falta de coerência é a especialidade de Mário Soares!...

Foi também Mário Soares que se ufanou, antes das últimas eleições, de que o PS se apresentava ao eleitorado *sem máscara*, contrariamente ao que faziam os outros partidos!

Bastou perder as eleições para lançar mão da máscara — FRS. Aí está mais uma *prova de coerência à moda socialista!*

Soubemos e registamos que entre os numerosos emigrantes que entre nós vieram passar um breve período de merecidas férias não veio nenhum conterrâneo nosso emigrado na Rússia ou países satélites...

Também soubemos e registamos que a emigração para esses países continua fechada...

Soubemos e registamos que nos países de leste não se podem reivindicar novas contratações colectivas de trabalho...

Soubemos e registamos que quando alguém discorda do sistema político vigente na Rússia recolhe a um hospital psiquiátrico, para tratamento...

Também soubemos e registamos que estas verdades custam muito a admitir a certas pessoas...

Transcrevemos:

«Continuam as querelas,
Mas deixemo-nos de férias:
Com eleições ou sem elas,
Agora estamos em férias».

É verdade. Estamos em férias. Mas há quem continue a trabalhar no fomento das greves...

Toda a gente ficou surpreendida por Ramalho Eanes ter recebido os pilotos da TAP em greve. Ninguém se mostrou mais surpreendido do que a Ordem dos Médicos!... Essa surpresa tinha razão de ser. É que, em Agosto de 1979, Ramalho Eanes recusou-se a receber os médicos... pelo facto de estarem em greve!

A Ordem dos Médicos estranhou, e quanto a nós com razão, que os pilotos da TAP mereçam mais consideração a Ramalho Eanes do que os médicos!...

A greve da TAP fez-nos saber que os trabalhadores desta Empresa se encontram distribuídos por 23 sindicatos!

Nós ficamos a pensar...: se cada Sindicato decretar 15 dias de greve por ano, em épocas desencontradas..., restarão apenas

15 dias para gozar férias e... nem sequer um dia para trabalhar!... Interessantíssimo não acham?!

Há um ano faltava a cerveja, escasseava o cimento e outros artigos... Este ano não acontece isso. Porque será?!

Notícias vindas de Coimbra dizem-nos que de 15 motoristas dos transportes públicos com baixa, só 2 estavam de facto doentes. Alguns andavam a trabalhar com tractores em serviços particulares...

Infelizmente nem só em Coimbra se fazem destas «habilidades», que os Sindicatos ignoram sempre, quando vão à Televisão «dar espectáculo»! O *patroneto explorador* não tem o direito de descobrir estas anomalias. E se as descobre não tem o direito de as publicar, nem pode *despedir com justa causa*... porque estes «trabalhadores (que não trabalham!) têm direito ao trabalho (que não fazem!)»

Alguém nos contou que determinada pessoa pediu um emprego.

Porque os seus hábitos de *polir esquinas* eram conhecidos por toda a gente, foi-lhe perguntado se ele queria mesmo trabalhar... Resposta pronta: — Quem lhe disse que eu queria trabalhar? Eu quero mas é o emprego!...

O Partido Socialista, fazendo coro com o Partido Comunista, quer saber (quererá mesmo?!) o que se passa com Sá Carneiro e a Banca...

Será que vão encarregar Palma Inácio e Edmundo Pedro de lhe fazer um inquérito e de o julgarem logo de seguida?!

Transcrevemos:

«Não é cedo nem é tarde:
Chegámos à conclusão
Que o País inteiro arde
À espera de uma eleição».

Acorrem de todo o lado
Cunhais, Soares e Carneiros.
É um País infestado
De políticos-bombeiros.»

Nem assim chegam para as encomendas. Os incêndios nunca mais acabam. E o povo continua sem saber quem está interessado em fazer desaparecer a riqueza florestal do nosso País!

A Polónia está em dificuldades. Motivo? As greves.

Será que o feitiço (das greves) se vai voltar contra o feiticeiro (a Rússia) Não sabemos. Oxalá que este surto de greves na Polónia não acabe por ser um pretexto para que o povo polaco seja esmagado pelos carros de assalto soviéticos! O caso não seria inédito!

Só nos admiramos (ou talvez não) de que os palradores da CGTP/inter façam tão pouco barulho! Já terão enviado telegramas de solidariedade para com os trabalhadores polacos? Ou será que essa solidariedade só tem interesse com os trabalhadores dos países não comunistas?!

Convidada a participar num programa da TV sobre as greves na Polónia em que estiveram presentes o Dr. Mário Pinto e Hen-

(Continua na 13.ª pág.)

Presidente da Câmara de Viana do Castelo à «Voz de Antas»

(Continuação da 7.ª pág.)

V. A.—...mas então é preciso que as pessoas assumam a sua responsabilidade...
 P. C.—...não tem significado nenhum?
 V. A.—Exacto! É preciso que as pessoas assumam a sua responsabilidade!
 P. C.—Mas como houve vários diálogos entre a Câmara e os componentes da... enfim...
 V. A.—... comissão de defesa do Rio Nelva.
 P. C.—... que encabeçaram a... manifestação ou a revolução, como queira chamar-lhe; não haja dúvida que houve qualquer coisa que falhou.
 V. A.—Mas, quer dizer...
 P. C.—Ora, eu não sei se foi, eu não assisti a esses diálogos, se foi a Câmara através de seu presidente que falhou ou se ele disse isto e as pessoas não entenderam.
 V. A.—Mas, foi claro! Quer ver?: o que nós pedimos ao Sr. Presidente da Câmara foi que suspendesse a conduta até à concretização da central de tratamento. Nós não temos nenhum problema que aquela conduta seja feita. Dissemos-lhe de viva voz. Simplesmente aquela conduta não pode ligar ao ribeiro, aquela conduta terá de ligar a uma central de tratamento.
 Faça uma central de tratamento, ligue-lhe a conduta que nós estamos perfeitamente de acordo. Se realmente nos tinham dito: sim, senhor, a conduta pára a 50, 30 ou 20 metros, seja o que for, e aquele espaço que fica no fim da conduta será então para instalar uma central de tratamento.
 P. C.—Isso é evidente...
 V. A.—Agora, se a conduta desemboca no rio, estão-nos a dizer que a conduta vai drenar para o rio. Não há duas interpretações. Isto é perfeitamente correcto. Portanto o mau esclarecimento das populações não pode ser assado às próprias populações. Terá que ser...
 P. C.—O facto da conduta ir até ao ribeiro...
 V. A.—Isso é decisivo...
 P. C.—...o Sr. o Sr. Presidente da Câmara de então dizia às pessoas: Nós iremos até ali...
 V. A.—Não senhor!...
 P. C.—... val fazer-se uma central de tratamento.
 V. A.—Exacto! E nós iremos retirar o troço da conduta que está a mais...
 P. C.—E... quando muito fazíamos um protocolo. Se não acreditavam na palavra verbal do Sr. Presidente da Câmara fazia-se um protocolo...
 V. A.—A certa altura não é um problema de acreditar nas palavras...
 V. A.—... e estava o problema resolvido. Agora, não se esqueça que quando se lançou a empreitada nunca se mais sabia que este problema ia surgir. E então, depois de lançar a empreitada, o Sr. sabe muito bem, que todos os anos contam.
 V. A.—Eu sei disso! Eu sei disso muito bem!
 P. C.—... de preços de tal ordem que não há outra solução se não acabar a empreitada. Porque se não...
 V. A.—Mas...
 P. C.—... Deus me livre.
 V. A.—...o Sr. Presidente está sobre as populações de S. Paio d'Antas, um estigma que eu procuro agora nesta conversa que estamos a ter, acabar em definitivo:
 As populações de S. Paio d'Antas, por acto impen-sado, causaram ao erário público uns milhares de contos de...
 P. C.—Eu não estou a dizer... eu não disse isso, ah! Nunca...
 V. A.—... de má informação...
 P. C.—...o que eu estou a dizer é que houve má informação...
 V. A.—Exacto...
 P. C.—... não sei de quem!
 V. A.—Bom! Mas então vamos saber de quem.
 P. C.—Não sei se foi do Presidente da Câmara...
 V. A.—Mas vamos tirar isso a limpo!
 P. C.—se foi dos componentes do grupo que aqui veio.
 V. A.—Claro! Mas é fundamental que esta conversa sirva também para esclarecer este ponto. É fundamental que isso fique perfeitamente esclarecido; pela nossa parte, saber com que linhas nos vamos coser para o futuro sobre os problemas dos efluentes.
 A má informação não foi efectivamente por parte das populações, porque eu penso que se o Sr. Presidente da Câmara fosse um habitante de S. Paio d'Antas, perante o quadro concreto, duma conduta a desaguar no ribeiro, não tinha duas alternativas. Isto não é um problema de palavras de pessoas é um problema de metodologia.
 P. C.—Perdão! Quanto a isso eu penso que já terei sido claro...
 V. A.—Claro! Mas...
 P. C.—... e não quero voltar a repetir.
 V. A.—... deixe-me completar o raciocínio...

P. C.—Portanto...
 V. A.—Deixe-me completar o raciocínio...
 P. C.—...quanto a mim, a única falha que poderá ter havido, se é que o Presidente da Câmara não se comprometeu a isso, é dizer assim: olhe o empreiteiro levou aquilo até ao fim, pois a gente, não há problema nenhum, mais vinte ou menos vinte metros não contam absolutamente nada. Aqui implanta-se, ou seja nos tais vinte metros, implanta-se a central.
 V. A.—Não é um problema de palavra das pessoas que está em causa, isso nunca esteve; está em causa, sim, e é relativamente ao poder, isso é importante, um problema de metodologia. É necessário que as entidades competentes, quando avançam para uma determinada realização, a sua metodologia seja exemplar.
 Isto é, não é possível que uma Câmara faça acreditar aos seus munícipes, ou às populações, quando a metodologia que utiliza para resolver determinado problema para si está errada.
 Se a Câmara tivesse utilizado...
 P. C.—Desculpe! A essa conclusão ainda não cheguei, mas pode ser...
 V. A.—Mas eu explico...
 P. C.—... que a ela venha a chegar.
 V. A.—Se a Câmara tivesse utilizado a metodologia correcta na elaboração do projecto dos efluentes, isto é, se, realmente, a conduta fosse feita até ao local da central de tratamento e aí a conduta fosse interrompida e simultaneamente, o que deveria ser, para ser uma situação exemplar, se exemplar seria até o contrário, primeiro a central de tratamento depois a conduta, que é uma obra de mais vulto, uma obra mais cara, e...
 P. C.—Já expliquei porquê!...
 V. A.—... Bom! Portanto, se a Câmara na metodologia da execução do projecto tivesse sido exemplar, portanto não tivesse tido o erro de fazer uma coisa que é contra a Natureza, isto é ligar a conduta ao ribeiro, nessa altura teria força moral para dizer às populações: não, os senhores estão a agir de má fé porque neste momento nenhuma conduta liga ao ribeiro. Ah sim...
 P. C.—Nunca sei que as populações hajam de má fé... o que pode...
 V. A.—Mal informadas. Sim...
 P. C.—...o que podem ser é mal informadas.
 V. A.—... mas, nessa altura...
 P. C.—... e repare bem: eu aqui insisto foram, claramente, mal informadas...
 V. A.—Desculpe que lhe diga: eu insisto que não foram.
 P. C.—... porque repare bem... evidentemente o Sr. tem a sua opinião e é respeitável que...
 V. A.—Claro! Mas, penso que poderíamos chegar, talvez, nesse aspecto a um...
 P. C.—agor... agora uma coisa é certa. Quando não havia fábrica nenhuma, nenhuma, a fábrica das armas tem lá o seu sistema...
 V. A.—Não tem sistema nenhum. Drena para a borda da rua!
 P. C.—Que borde... que drene...
 V. A.—Que é uma coisa muito grave.

● **As populações quando pressentem que estão a lutar pelos seus interesses, agem e agem mesmo.**

V. A.—As populações vêem objectivamente aquilo que lhes interessa e aquilo que não interessa, Sr. Presidente.
 P. C.—Nós, nós como condutores de homens, já calejados, enfim... sabe como as pessoas reagem...
 V. A.—Sabem disso... Mas também sabem que as populações quando pressentem que estão a lutar pelos seus reais interesses agem e agem mesmo.
 P. C.—Disseram-lhe que aquilo ia ser lançado ao, ao...
 V. A.—Ó Sr. Presidente, não lhe disseram. As populações foram ver e viram...
 P. C.—ribeiro. Cruamente, pois...
 V. A.—Mas quem disse isso foi a Câmara, porque pôs a conduta ali de maneira...
 P. C.—A Câmara, a Câmara! Estou-lhe a dizer o contrário.
 V. A.—Sr. Presidente não me disse suficientemente claro. Eu...
 P. C.—Estou-lhe a dizer claramente o contrário.
 V. A.—Mas, a metodologia...
 P. C.—Haveria uma central de tratamento...
 V. A.—Mas isso, não...
 P. C.—pequena, naturalmente...
 V. A.—Mas, então, ela devia lá ter estado.
 P. C.—pequena, porque era apenas para uma zona industrial...
 V. A.—Mas então devia lá ter estado!...

P. C.—e, portanto não tinha... Sr. eu já lhe expliquei as várias fases do processo.
 V. A.—Mas, então devia ter estado abaixo da conduta.
 P. C.—Este ponto...
 V. A.—É ponto fundamental.
 P. C.—Mas parece-me que não tem razão!
 V. A.—Ah! Eu acho que é um ponto fundamental, é um problema de metodologia. Quando uma coisa vai ser feita só tem uma maneira de ser feita. E se a central deveria existir...
 P. C.—Lá está...
 V. A.—Não! O que deveria ter sido feito era uma coisa que depois não ia ser feita, isto é: disseram-nos...
 P. C.—Não! Não é...
 V. A.—... puseram a conduta para o ribeiro, mas disseram-nos: não, esta conduta que aqui está para o ribeiro é a brincar. Isso não pode existir...
 P. C.—Não senhor!
 V. A.—Ah! Mas isso que está lá...
 P. C.—Não vamos falar em coisas que me parecem, enfim... quando o Sr. fala em vamos brincar e ir com isto para o ribeiro. Não senhor...
 V. A.—Mas, repare que é isso...
 P. C.—Vamos falar como gente...
 V. A.—Pois, é um problema de metodologia...
 P. C.—... Como gente crescida.
 V. A.—Claro!
 P. C.—Quando a Câmara, através do seu órgão executivo, que é o órgão máximo, porque repare bem, eu não sou só Presidente da Câmara, mas faço parte apenas...
 V. A.—Dum órgão colegial.
 P. C.—... Dum órgão colegial, um nono do executivo...
 V. A.—Claro!
 P. C.—... Nove homens, nove indivíduos que...
 V. A.—É um órgão colegial.
 P. C.—... é um órgão colegial, e portanto, quando o órgão colegial tinha decidido que ali se faria uma estação de tratamento, é que se faria mesmo...

● **As câmaras não nadam em dinheiro.**

V. A.—Está certo...
 P. C.—Agora, evidentemente a estação de tratamento é o fim, é o fim de linha, portanto, naturalmente, e eu já expliquei porque é que nós não fizemos a coisa simultaneamente, porque estávamos tão longe e isto aqui não se nada em dinheiro; isto é as Câmaras não nadam em dinheiro. As Câmaras são como qualquer empresa ou indivíduo. Vão fazendo os seus projectos, enfim, às prestações como faz toda a gente. Ora bem, nós tivemos necessidade de fazer os acessos para a Zona Industrial e lançámos a empreitada da distribuição da canalização dentro da área da 1.ª fase. E lançámos porque estava incluído no plano geral, que irá servir também para a 2.ª fase.
 Ora bem, esta foi a metodologia, não significa que nós com isto estivessemos a furtarmo-nos à implantação da central de tratamento, isso está dito e redito. Foi assim que nós, membros do Executivo anterior decidimos. Contrariar-nos é estar a bater no molhado...
 V. A.—Bom, para encerrarmos este problema eu vou só contar uma parábola: O Sr. Presidente vai ficar de novo com a sua visão do problema. Concerteza não foi lá ao local, que o local era o suficiente, dava-nos uma percepção bastante mais dura...
 P. C.—Ora essa. Dezenas de vezes...
 V. A.—Ora bem. Imaginemos que, eu não digo um município, a Câmara estava a construir um edifício novo e que tinha as suas infra-estruturas de saneamento etc. E porque a cidade ainda não tinha saneamento, a Câmara iria ter que fazer uma fossa, por exemplo, uma fossa céptica com determinado volume para receber os seus efluentes.
 E essa fossa iria ter que ser, ali, por exemplo, na Avenida ao lado do rio. O esgoto do edifício novo, que estava em construção, iria ligar a essa fossa. Simplesmente como a fossa estava em construção fez-se o dreno até à fossa, porque essa fossa depois iria ligar a um colector geral.
 Mas, imagine que a Câmara, que é uma entidade pública, o que é mais grave, atrevia-se, enquanto não fez a fossa, a meter uns tantos metros de tubo e ligou ao rio.
 Eu penso que o Sr. Presidente iria ter muita dificuldade em explicar aos munícipes de Viana, que não, que aqueles metros de tubo que ligam ao rio estão a mais porque antes vai ser feita uma fossa. E então as pessoas iriam perguntar-lhe: Mas então se vai ser feita uma fossa porque é que ligaram já ao rio? A fossa ainda não está feita então porque é que gastaram mais esses metros de tubo?

(Continua na pág. 10)

Presidente da Câmara de Viana do Castelo à «Voz de Antas»

(Continuação da 9.ª pág.)

Primeiro faça a fossa e depois ligue ao colector geral. Está a perceber? Isto é um problema de metodologia. O poder tem que ser rigoroso para se fazer acreditar às populações. Eu não ponho dúvidas que a Câmara como órgão colegial se apresente a dizer uma coisa daquelas. O certo é que a metodologia que utilizo inicialmente foi viciada.

P. C.—Não segue...

V. A.—Isto foi uma parábola.

P. C.—Não segue... O exemplo que deu, por muito corajoso, não convence ninguém.

● A execução dos planos da Câmara sofrem um erro de metodologia.

V. A.—Bom... Portanto, todo o esquema que esteve por detrás dessa movimentação... no fundo, é um problema de lógica; todas as coisas têm uma certa lógica e se se juntam as pedras choga-se, efectivamente, a uma conclusão relativamente simples.

A Câmara se, efectivamente, tivesse de princípio, de raíz, estabelecido um projecto coerente, correcto, para a zona Industrial, provavelmente não era a manifestação das gentes de S. Paio d'Antas que iria ter de inverter o processo, obrigar a Câmara a um novo projecto altamente dispendioso... Al sim, começa a encontrar problemas e níveis de satisfação que obrigam a outro tipo e outra fórmula de resolução dos problemas, e só depois dessa manifestação é que a Câmara sente necessidade de fazer outro projecto.

Isto é irrefutável... Portanto, há efectivamente o resultado de uma situação de força, mas que vem criar por parte

da Câmara, alertar para a situação nova que ela pretende e, felizmente, resolver através de um novo projecto, que se, de qualquer e logo de princípio, a situação estivesse completamente resolvida, é evidente que a Câmara não teria de o fazer.

Claro que esse novo projecto, que agora é dos efluentes, começa a ter outras perspectivas ou problemas de saneamento, etc. etc. porque umas coisas arrastam as outras.

O que nos diz sobre a convocação das pessoas interessadas, eu penso que aí é o fundamental e felicitto-o pela abertura e pela gestão que faz numa situação destas, pois isto teria que ter passado por este caminho.

A Zona Industrial é uma grande parte das populações do concelho e da zona limítrofe, mas estão em jogo postos de trabalho, é evidente; mas uma pessoa minimamente avisada e que conheça a geografia do terreno depara com a Velga do Castelo, depara com todos os campos marginais da Foz do Rio Neiva; o próprio distrito, a Velga do Castelo, pesca na água do Rio Neiva que vem quase até à escola de Castelo do Neiva; toda aquela velga depende do Neiva; aquelas centenas de cabeças de gado dependem da pesca de água do Rio Neiva.

Podíamos dizer: Ah! é um problema de beleza, de turismo, e serão uns tantos fidalgos que não querem poluir as águas. Não é bem isso, não é completamente isso. Está, realmente, em causa toda uma economia agrícola de subsistência, de que o Rio Neiva é um factor decisivo e além do mais os outros problemas são, também, problemas mas importantes; como sabe é uma zona muito bonita, é uma zona de grande capacidade turística, de grande potencial turístico e também não pode ser à custa de uns tantos postos de trabalho liquidarem-se outros tantos ou muitos outros mais postos de trabalho.

Penso que essa ideia que tem de convocar as pessoas

directamente interessadas no problema irá resolver e passará já a uma resolução cabal e completa do problema.

P. C.—Mas, se me dão licença, eu à bocado tentei ser tão preciso que pudesse fazer compreender que o problema para a Câmara está resolvido até ao fim.

Quando eu disse que no fim daquela canalização, iria ser plantada ali uma central de tratamento, para além daquelas que as próprias fábricas seriam obrigadas a fazer, sob controle da Câmara, isto quer dizer que a Câmara já tinha resolvido esse problema.

Evidentemente, que, como o Sr. diz, e diz muito bem, que uma central de tratamento custa muito dinheiro, é cara, etc., etc.; e de facto nós íamos fazer uma central de tratamento para a Zona Industrial. Quando surgiu este problema nós pensamos: bom! Se estamos aqui a gastar imenso dinheiro, mais vale gastar um pouco mais, um pouco mais como quem diz, muitíssimo mais, mas então vamos resolver o problema de várias zonas. Não só da Zona Industrial, mas sim de Darque, que é um problema grave, de Anha que não tem saneamento nenhum, e de Neiva.

E, portanto, foi daí que nós resolvemos alterar o projecto inicial, se bem que estejamos convencidos, ainda hoje, de que aquilo solucionava perfeitamente o problema, pois que à saída da central de tratamento, que se viria a implantar no final da conduta, a água a lançar ali seria uma água normal, pelo menos é o que dizem os técnicos... eu não entendo muito dessa matéria, mas dizem eles que é assim.

A Câmara mudou de opinião, primeiro porque, realmente, não quer confrontar-se com as populações, não é essa a missão dela; e em 2.º lugar, porque pensa que poderá, realmente, já que assim é, já que as populações não querem, e não querem porque estão mal informadas, como eu disse; disse isto e repito, que deveriam estar mal informadas, porque caso contrário, certamente, não o fariam.



Há um ano, o Povo de S. Paio d'Antas disse NÃO à POLUIÇÃO do RIO NEIVA

RECORTES

ESGOTOS DA ZONA INDUSTRIAL DE VIANA DO CASTELO

Relativamente aos esgotos da zona industrial de Viana do Castelo a Câmara de Esposende enviou um ofício ao município vianense onde se diz:

Esta autarquia não deixará de apoiar o povo de S. Paio de Antas contra a agressão poluidora que é a continuação da construção da conduta, sem um projecto devidamente

elaborado e aprovado pela Direcção-Geral do Saneamento Básico, Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos e Circunscrição Industrial.

Solicita, depois que, após o projecto ser elaborado e aprovado a Câmara Municipal de Esposende, legítima representante e defensora dos interesses das populações do seu concelho, seja ouvida a fim de se certificar de que o Rio Neiva e os seus directos beneficiários não são afectados.

«Diário do Minho», 1979.

RIO NEIVA

O Zé do Campo verdadeira alma do Povo ribeirinho, ao ter conhecimento de que o Neiva não seria condenado à morte, escreveu, a nosso pedido, estes versos em homenagem ao rio, que desenha lençóis de renda na espuma dos açudes, que brinca nas orelhas da areia e segreda mil segredos nas voltas onde se demora.

O rio dos meus encantos
O Neiva dos meus amores
Tuas águas cristalinas
Nas tuas margens há flores!

Lindo rio das azenhas
E de açudes pitorescos
Tuas curvas são donaires
De algum Deus arabesco.

A pureza das tuas águas
Que alguém está querendo matar
Mas tens alguém a teu lado
Prontos para te salvar.

O rio de margens bonitas
Com minhos nos salgueirais
Peixes prateados nas águas
Como gotas de cristais

O Neiva, rio que corres
Por entre montes e campos
Até entrares no mar
Como fazem outros tantos.

Cantar-te ó Rio Neiva
Disso tenho obrigação
Não faça nada de mais
Pago a tua afeição.

«Diário do Minho»

A denúncia vem de Missionários

Igrejas, missões e hospitais de Angola reduzidos a antros de depravação

Angola vive neste momento o grande drama da perseguição religiosa que lhe é imposto pelas forças marxistas que dominam o País.

«O povo que vê as suas missões, as suas escolas, os seus hospitais e os seus lugares de culto transformados em quartéis, e antros de depravação moral e de impiedade, chora de raiva, toma maior

consciência da sua dignidade humana e do seu cristianismo, e resiste vitoriosamente contra a dominação neo-colonialista imposta pelos soviéticos através dos cubanos e outros paladinos do imperialismo russo em África».

Este depoimento vem das matas de Angola — onde a resistência nacional luta com a maior determinação e estoicismo

contra os opressores estrangeiros — denúncia que um impressionante grito de alma de três servidores do Evangelho, que ali, em condições duras e sacrificadas, servem com abnegação os homens, seus irmãos, por amor a Cristo e aos ideais de Verdade e Justiça que Ele personifica.

X - A criação da freguesia de S. Paio d'Antas no séc. XI

(Continuação da 4.ª pág.)

mente depois que a sua fama e o seu culto começaram a espalhar, em 967.

Por outro lado o mosteiro de S. Romão foi fundado pouco antes de 1022. Segundo o documento 680 de Diplomata et chartal, o presbítero QUEMDANUS fundou o mosteiro «IN HONORE BEATISSIME MARTIRIS CHRISTI ROMANI» que foi dedicado pelo bispo D. Afonso. «ET VOCAVIT EPISCOPUM ADEFONSUM ET PSOS DOM NOS SUPERIOR NOMINATUS AD DEDICATIONEM». Este bispo é, com certeza Afonso I que foi bispo de Tui até pouco antes de 1022. Ora, no «Livro dos Benefícios e Comendas» de 1528 S. Paio de Antas aparece como anexa ao mosteiro de S. Romão. Quer isto dizer que, já o era quando foi fundada? Se a assim fosse, teríamos que concluir que a freguesia foi fundada depois do mosteiro ou seja depois de 1022. Mas nem as Inquirições de 1220 nem as de 1258 nem tão pouco o «catálogo de todas as igrejas, comendas e mosteiros de Portugal» de 1320 falam nisso, e nós não podemos afirmar o que os documentos não afirmam.

Terá ela sido anexada no século XV a quando da reforma de D. Fernando Guerra? É mistério que espero esclarecer brevemente.

A conclusão é a seguinte: S. Paio de Antas como freguesia, ainda não existia no ano da morte de S. Paio em 925 e já existia em 1085 pois o seu nome já aparece

no Censual de Entre Lima e Ave desse ano. Segue-se que a freguesia foi fundada entre estas duas datas. Se se vier a provar que quando foi erecta era já anexa ao mosteiro de S. Romão, então este espaço, será muito mais reduzido: a freguesia teria sido fundada entre 1022 e 1085.

P. Dr. Adélio

A seguir: De como a nossa freguesia recebeu o nome de S. Paio d'Antas.

Obras Paroquiais

(Continuação da 1.ª pág.)

monumento ao Emigrante e seu recinto, Ring Gimnodesportivo e embelezamento do recinto e capela de Santa Tecla, cujos gastos ascenderam ao montante de **3 124 508\$00**.

A benção do parque de jogos a que se dignou presidir, no dia 12 de Julho p.p. o Revmo. Arcipreste de Esposende, marca o termo duma longa caminhada feita pela grande maioria da Família Paroquial em pensamento, oração, repetidos esforços, alguns sacrifícios e constante generosidade.

Depois de agradecerem a Deus a benção tão divinamente prodigalizada à construção deste complexo polidesportivo paroquial, é justa uma palavra de gratidão a quantos, de qualquer forma, colaboraram de boa vontade.

Especializados em todos os trabalhos de Mármore, assim como Sepulturas, Escadarias, Peitoris, etc.

Marcelino, Silva & Silva

MARMORISTAS

Freguesia de Cabreiros (Junto ao Posto Médico) — Telef. 91161
4700 BRAGA

FESTA DE SANTA TECLA

«GUILHETA TRANSBORDOU DE GENTE E ALEGRIA»

(Continuação da 1.ª página)

A pequenina ermida que já existia no terceiro reinado de Portugal e passando várias modificações, é hoje a Capela de Santa Tecla, uma das mais antigas da região.

O seu Cruzeiro cuja data se encontra lavrada na própria pedra é de 1644, logo a seguir à Restauração e talvez por isso o nosso povo lhe consagrou sempre a mais grata afecção.

Quantos se lembram como era o terreiro da Capela há uns 30 anos atrás?

Hoje o recinto vai até junto do rio Neiva, graças aos benfeitores da família Monteverde (Castelo do Neiva) e outras do lugar de Guilheta.

Sobre a festa não podemos falar da sua origem pois efectua-se à mais de 700 anos.

Contudo podemos focar algumas das diversas formas porque passaram as pessoas que mais se empenharam para que a sua realização fosse um facto.

Apareceram os chamados «Bailes de Santa Tecla», em que os elementos que

mais trabalhavam para que tudo fosse avante, eram da família das «Rolas», sendo o tesoureiro das festas o tão conhecido João Penteadado que também era o «forte» dos ditos bailes.

Estes tinham como introdução umas danças tais como, «a dança dos lenços»; «das varas»; «das fitas ou mastros», e eram tão folclóricas que não mereciam ser esquecidas, embora haja pessoas que se recordam e a sua respectiva música.

Seguido da introdução havia o julgamento (pelo julz), com a moça, o moço, a velha, o Jeremum dos Burrequinhos, o palhaço e outras tantas personagens.

Estes bailes com o correr dos tempos foram dados ao esquecimento. Oxalá fossem novamente lembrados enquanto há pessoas que têm algo na mente.

Desta breve história é fácil deduzir que não devemos jamais desprezar aquilo por quem os outros tanto se empenharam, mas sim tenhamos brio do que somos possuidores.

(Continua no próximo número)

Foram êxito as "vitórias"

(Continuação da 1.ª pág.)

ção, etc., etc., para nada lhes ser observado, muitas vezes em jeito de crítica. Requer imenso trabalho bater porta por porta, para obter algum donativo para a sua realização, tentar arranjar um outro para comissário, sofrer muitas vezes ao ouvir respostas negativas e por vezes meio estúpidas e retrógradas. Claro que cada um é livre!

A fé, o interesse de cada um leva-nos a ser generosos e sem segundos pensamentos oferecer o que cada um tem em mente, não se ridicularizando perante os homens que de boa vontade se comprometem com o trabalho que lhes é destinado.

Dizia eu, acima que, as festas decorreram com brio e entusiasmo! Efectivamente na manhã de sexta-feira dia 1, os Zés-Preiras vieram dar um «ar da sua graça» pelos diversos lugares da freguesia. Na noite do mesmo dia, a procissão de velas, que saiu da capela de N.ª S.ª do Rosário. Na chegada houve sermão em honra de Nossa Senhora de Fátima. O único ponto negativo foi a falta de energia que impediu a transmissão do sermão para o exterior, deixando tudo «às escuras».

Acabava assim o primeiro dia do mês e da festa.

No sábado seguinte houve as entradas das bandas de música ao princípio da tarde, e à noite arraial nocturno, terminando o segundo dia de festa com fogo de artifício.

Dia 3 Domingo! O maior da festa e o último.

De manhã missa, depois a entrada de outra banda de música e por fim Missa Solene. À tarde Sermão, procissão terminando o dia e as festas com arraial minhoto com a presença de um conjunto.

Cabe agora, não em nome pessoal mas colectivo agradecer à comissão que tornou possível estas festas.

A próxima comissão que será proposta, um pouco de coragem e de ânimo, para que no próximo ano se diga novamente: «Foram êxito as vitórias!»

Cassiano Neiva

RECEITA:

Peditório na freguesia	81 200\$00
Oferta de emigrantes	142 300\$00
Diversos na freguesia e jovens	22 350\$00
Oferta das mordomas	29 100\$00
Rendimento na Salva	13 000\$00
Rendimento na Procissão	4 200\$00
Oferta de várias freguesias	35 100\$00
Oferta de vendel. Ambulantes	4 300\$00
Promessas de Andores, Sermão e Missa	12 300\$00
SOMA	343 850\$00

DESPESA:

Banda de Gueifães da Maia	60 000\$00
Banda Musical de Melres «Gondomar»	54 000\$00
Banda de Pevidém	60 000\$00
Banda de Riba d'Ave	45 000\$00
Grupo de Zés Pereiras	9 000\$00
Conjunto «Micro-Music»	13 000\$00
Ornamentação do Arraial	7 000\$00
Armador	7 000\$00
Fogo de Artifício e fogo do Ar	60 000\$00
Serviços Municipalizadas, energia eléctrica	13 000\$00
Guarda Nacional Republicana	8 500\$00
Licenças diversas e selos	2 650\$00
Refeições a Músicos e Zés Pereiras	5 200\$00
Doces para figurados	1 800\$00
Velas para a Procissão	3 500\$00
Despesas diversas — transportes	2 800\$00
SOMA	418 340\$00

NOTA OPORTUNA: O pároco que é, afinal, o presidente nato de qualquer comissão de festa religiosa, secundando o «zelo» retaliatório dum — festeiro — baixou a cota que caberia a cada comissário para 280\$, menos 40\$ que no ano transacto, a fim de que o «tal» não onerasse gravemente, no dizer do Sr. Arcebispo-Bispo de Viana do Castelo, a sua consciência se houvesse saldo ... positivo já se vê!...

Comissão para o ano de 1981

Benedito Neiva Meira da Cruz
Vitor Manuel da Silva Faria
José Fernandes Queiroz Gonçalves
Manuel Gonçalves Ribeiro
Salbino Pereira Mota
Manuel de Barros Costa
Manuel Augusto Viana Meira

Augusto Neiva Meira da Cruz, França	2 + 10 000\$00
Laurentino de Faria Rolo Fagundes, França	2 + 10 000\$00
Cândido Cunha e Ricardina, França (Irian)	5 000\$00 + 1 500\$00
Armando Pires Vieira «Manduca», Arábia Saudita	5 000\$00
Rosa Vaz Saleiro, Azevedo	4 000\$00
Domingos V. Fernandes, Guilheta	3 000\$00
Manuel da Cruz Pereira, França	3 000\$00
Fernando Neiva da Silva Pôças e Deolinda, Paços de Brandão	3 000\$00
Alguém de Azevedo, França	2 000\$00
António Gomes Moreira, França	2 000\$00
Basílio da Cruz Neiva, França	2 000\$00
Domingos Viana da Cunha, França	2 000\$00
David Rolo Soutelo, França	2 000\$00
Manuel Almeida da Cruz, Belinho	2 000\$00
«Tia» Lajota, Monte (mais)	500\$ + 500\$00
António Moreira e Elisa, Bélgica	1 000\$00
Herculina Saleiro da Cruz Austrália	1 000\$00
Carolina Barraca, França	1 000\$00
Maria de Lurdes e Bertrand, França	1 000\$00
Manuel Adão Martins Ferreira, Fr.	1 000\$00
Joaquim Alves Fernando, Fr.	1 000\$00
Manuel Adão Martins Ferreira, Fr.	1 000\$00
Joaquim Alves Fernando, Fr.	1 000\$00
Domingos Viana Lajoto, Fr.	1 000\$00
Isabel Torres e Manuel, Fr.	1 000\$00
Rogério Rolo Fagundes, Fr.	1 000\$00
Rosa Rodrigues Viana, Monte	1 000\$00
Augusto Torres, Fr.	1 000\$00
Amândio Viana da Cruz, América	1 000\$00
Manuel Ferreira da Silva, Fr.	1 000\$00
Augusto de Azevedo Vaz Saleiro, Braga	800\$00
Manuel Meira, Arábia Saudita	100 F.
António Rodrigues Meira Viana, Monte	500\$00
Domingos Azevedo, Cima	500\$ + 500\$00
Manuel Alves Caseiro, Lisboa	500\$00
Maria Lourenço Faria, Milheiro	500\$00
Manuel Gomes e Cândida Ferreira, França	500\$00
João Vilarinho, Porto	300\$00
Isménia de Jesus Costa, França	715\$00
Amélia Meira Laranjeira, Belinho	500\$00
Livia dos Prazeres, Vila Real	850\$00
Ana da Silva, França	200\$00

(Continua no próximo número)

JOVENS DO PORTO PARA LISBOA

— por VERÍSSIMO MANUEL —

Vou no rápido das 18.45. Recostei a cabeça. Fechei os olhos. Comecei a repensar o meu dia, a minha vida envencilhada e comprometida nas alegrias e tristezas da minha Congregação e da Igreja.

Tinha participado no Conselho de Formação. Tantos problemas! Um estudo sobre vocações missionárias, a análise do trabalho nos Centros vocacionais. Cada Centro com as suas dificuldades e carências. Aprofundamento da fé e aproveitamento escolar... Alguns aspirantes desanimam. Alguns professores — limitam-se a ser 'professores'. Problemas!

O combóio continua apressado. Eu continuo lentamente a pensar alheado ao barulho das pessoas e da mole de chapa e ferro a deslizar sobre os carris. Vêm-me então à mente algumas palavras do P. Domingos Neiva — celebrara nesse domingo as bodas de prata sacerdotais em S. Paio d'Antas, onde também estive. «Sinto-me feliz. Se hoje recomeçasse não hesitaria em escolher de novo o sacerdócio comprometido com os mais pobres. Sinto alegria em ser padre e brio em fazer bem feito aquilo em que comprometo». Logo de seguida vem-me à cabeça a mensagem de João Paulo II sobre as vocações (nesse domingo começava a semana de oração pelas vocações). Levantei-me, tirei a pasta e procurei o texto do Papa. Aqui mesmo.

«E a vós, caríssimos jovens, nesta ocasião, eu queria dirigir-vos também um convite muito particular: reflecti! Procurai compreender que vos estou a falar de coisas muito grandes. Trata-se de consagrar a vida toda ao serviço de Deus e da Igreja. E trata-se de consagrá-la com fé firme, com maturada convicção, com livre decisão e com generosidade a toda a prova e sem arrependimentos. (...) Haverá sempre chamamentos do Senhor, como sempre haverá as respostas das pessoas disponíveis. Também vos deveis pôr-vos em atitude de ouvir. (...) Abri os vossos corações ao encontro de Cristo Ressuscitado. A Igreja de Jesus tem que continuar a sua missão no mundo: ela precisa de vós, porque é muito grande o trabalho que há a fazer.»

Um texto de esperança nos jovens e de certeza na presença do Espírito Santo e na continuidade da Igreja. Continuei a leitura do texto que interrompi quando o Manuel — chamemos assim ao jovem que ia sentado ao meu lado — começou a dizer que não valia a pena estudar (estava no 9.º), que não havia empregos, que ia para a marinha que sempre dava mais... Meti conversa com o moço. Soube que o Manuel andava numa escola da Figueira. Falámos de professores, de cursos, de notas, do meio estudantil... Alfarelos! O Manuel desejou-me 'boa viagem' com um sorriso que me fez intuir nele um coração bom. E lá foi rumo à Figueira. Lembrei-me de Cristo ressuscitado e, no interior de mim próprio, pedi para o Manuel o Espírito Santo.

Em toda a parte há falta de empregos. São aos milhares de milhares os jovens que esperam, em vão (?), o primeiro trabalho. Procura-se facilidade e lucro! Como se isso fosse o mais importante na vida e a melhor fonte de felicidade! Só a Igreja continua a oferecer maior campo de trabalho. Só 'o campo' de Jesus Cristo continua a ter maior e premente falta de operários! Neste momento lembro-me do P. Klein (38 anos) há quatro anos em trabalho missionário na África do Sul.

«Não venho fazer turismo a Portugal. Venho à procura de missionários. A nossa situação é desesperada. O P. Provincial tem que me arranjar alguém. E vou também falar com o Superior Geral. A nossa situação é desesperada. Precisamos de mais missionários. Não aguentamos tanto e tão urgente trabalho. A minha missão é na montanha. Há quatro anos que não posso ter um dia de descanso.»

O P. Klein fala com entusiasmo e nota-se-lhe um zelo apostólico invulgar. Também de Marília (Brasil) D. Manuel Tomasella pede missionários.

«Minha diocese está no interior do Estado de S. Paulo... Tenho neste momento algumas paróquias vagas ou a vagar que são muito grandes e exigem a presença e o trabalho de sacerdotes... E para estes casos mais urgentes que ousou pedir alguns dos seus padres.»

«A Igreja precisa de vós, porque é muito grande o trabalho que há para fazer» — diz o Papa.

Ser missionário sempre foi difícil. Hoje não o é menos. A solicitação do mundo parece maior. O ambiente materializado e arreligioso, o dinheiro e o prazer têm — parece a meus olhos humanos — voz mais forte que Cristo ressuscitado. Reflectir o 'futuro' é difícil neste mundo agitado em que os meios de informação mais impedem do que facilitam a reflexão serena. Dizia o Manuel: «Não temos tempo para estudar, salvo ao sábado e domingo. Vamos para a escola de manhã. Começo as aulas às 8.30. Acabam às 7.30 da tarde. Para não perder uma aula, por vezes, fico a 'secar' duas horas com 'furos'. A 'malta' o que sabe é só pela atenção nas aulas...»

O combóio continua a sua marcha. Lá no fundo da carruagem, os soldados dormitam. A necessidade de missionários continua a tamborilar-me no cérebro. Recordo agora a conversa com os Seminaristas na Silva. E as suas palavras correm-me à velocidade do combóio. Tam-tam — zzz-zzz — tam-tam — zzz-zzz.

«Quando decidi vir para o Seminário foi um choque para a minha família, visto não esperarem esta minha decisão.»

Nessa altura estava a trabalhar fora da terra. Deixei o emprego. Vim sem ninguém saber e só depois de estar no Seminário é que comuniquei à minha família». (José Camacho—21 anos).

«Da minha família recebo o apoio necessário para melhor concretizar a vocação que escolhi e que cada dia tento estudar melhor. Entre os meus colegas sou criticado por ser seminarista. Talvez por não fazer quanto eles fazem: namorar, bailes, saídas nocturnas... eu sei lá. O ambiente em que vivo não favorece. 'Essa coisa de padres, já está ultrapassada e muitas vezes eles são piores...' São frases que ouço com frequência em férias e até de pessoas que vão à missa!» (Pinto—18 anos).

«Quando resolvi vir para o Seminário fi-lo quase em segredo. Apenas os meus pais e pessoas íntimas o sabiam. Antes de eu vir, até houve pessoas que me aconselharam a ser missionário. Eu comecei a pôr-me o problema precisamente porque a minha aldeia não tem padre. Quando fui a primeira vez a férias, num domingo, no início da missa, pedi oração para que Deus me chamasse à vida sacerdotal e missionária. No fim, muitas pessoas me felicitaram. Dos jovens porém não sinto apoio. 'A vida de padre já está ultrapassada'. 'Agora só vai para padre um tipo que não dá para mais nada'. (João Fernandes—28 anos).

«Por felicidade minha nasci numa família 100% cristã, acresce ainda que tenho vários familiares missionários... daí que não tenha senão apoio à minha vocação missionária». (Neves—17 anos).

«A formação no Seminário tem muitas vantagens: melhor preparação intelectual, formação mais variada (tendo em conta a formação humana, já sem falar da formação religiosa). Inconvenientes também há: talvez pudesse haver mais relação humana e um conhecimento mais real das dificuldades que os outros jovens têm». (José Teixeira—19 anos).

Era uma da manhã quando me deitei cansado. Dormi sono solto.

O ano académico está a terminar. Sei que na vossa cabeça, em todo o vosso ser aflora impulsiva a pergunta: E amanhã? Para que me vai servir tudo isto? Qual o meu caminho?

Permiti que vos repita, com João Paulo II: «Deixai que a força do Espírito Santo opere em vós e vos inspire escolhas acertadas para a vossa vida! Procurai pedir conselho!»

JOVEM

Para ti que pensas no teu futuro.

Para ti que és generoso.

Para ti que sonhas em transformar o mundo.

Para ti que tens fé.

Para ti que queres construir a justiça e a paz à maneira de Jesus Cristo.

Para ti vai o nosso convite e que o mesmo convite te faça o Espírito Santo.

Vem ser missionário connosco.

Escreve-nos para:

P. Missionário João Mónico
Centro das Vocações Missionárias
Av. da Boavista, 919 — Telef. 666167
4100 PORTO

Sessão de encerramento

Centenário do nascimento do poeta António Corrêa d'Oliveira

(Continuação da 5.ª pág.)

corajosamente o Poeta de Deus e da Pátria, como diria mais tarde um príncipe da Igreja de Portugal.

Só alguns se recordarão do ambiente que minha mãe conseguiu criar em volta de meu pai. Só poucos hoje, serão testemunhos dessa doação de homenagem, de amor vivida e realizada por alguém que para o conseguir teria de ser uma grande senhora. Desses só talvez o Henrique Medina se recorde desses tempos.

Essa homenagem, esse acto de amor em toda a vida de minha mãe, será feita uma edição especial que resumirá os dois grandes livros de amor e saudade de meu pai: o primeiro escrito após o seu casamento e o segundo após a morte de minha mãe e aparecerá nas livrarias juntamente com o 1.º volume da obras completas de meu pai na 2.ª quinzena de Outubro, altura em que oficialmente se encerra o I Centenário do Nascimento do Monge de Belinho.

António, eu gostaria de te agradecer, mas penso que a voz do sangue, a tua corresponsabilidade como membro da família, me impedem, protocolarmente, de fazer aqui o teu elogio e de te agradecer as tuas palavras.

Mas, posso afirmar-te com a certeza que me dá a minha fé que meus pais e teus tios, te ouviram reconhecidos lá em cima, no céu, onde moram e de lá te agradecerão.

A vós todos, mas sobretudo a vós que viveis entre Cávado e o Neiva, eu agradeço de todo o coração a pre-

sença nesta sessão. Muito boa-tarde, bem hajam.

(Palavras do Presidente da Câmara de Esposende)

Exmo. Sr. Governador Civil de Braga
Rev. Sr. Arcipreste
Família do poeta António Corrêa d'Oliveira
Senhoras e Senhores

Com esta conferência encerra-se a Exposição que esteve aberta ao público durante oito dias.

A Câmara Municipal agradece à ilustre família do poeta António Corrêa d'Oliveira, ao ilustre conferencista, à JAEOCA e ao dr. Sobral Torres toda a colaboração na cedência de material da família, na disponibilidade do conferencista e também à menina que fez a declamação.

Muito obrigado. Encerro por parte da Câmara de Esposende e o povo deste concelho, a quem o concelho a devia, esta pequena homenagem ao poeta Corrêa d'Oliveira.

(Palavras do Governador Civil de Braga)

Exmo. Sr. Presidente da Câmara
Rev. Sr. Arcipreste
Família do homenageado António Corrêa d'Oliveira
Minhas senhoras e meus senhores

Antes de mais eu quero agradecer à Câmara Municipal de Esposende a gentileza do convite que me formulou

para estar presente a esta sessão comemorativa do encerramento do nascimento do poeta.

Em 2.º lugar quero felicitar vivamente o conferencista desta sessão pelo trabalho que aqui produziu, que embora longuíssimo, mas naturalmente era importante inseri-lo na medida em que, como agora aqui o acabaria de afirmar o filho do poeta.

Não há dúvida nenhuma que o poeta está esquecido intencionalmente. Por isso mesmo, aqui estou presente para manifestar que o chefe do distrito não desconhece a obra do poeta António Corrêa d'Oliveira, aquilo que ele fez, aquilo que ele escreveu e fundamentalmente uma coisa que esteve esquecida durante algum tempo neste país: o seu amor à Pátria.

Naturalmente era necessário que aqui estivesse, era necessário que com o meu testemunho aqui prestasse homenagem ao poeta António Corrêa d'Oliveira e nessa homenagem está também o Governo de Portugal.

Não interessa a ideologia que cada um tem, não interessa efectivamente aquilo que cada um foi. O que interessa é aquilo que cada um produziu por este país e António Corrêa d'Oliveira, como aliás li há pouco, aqui, pela vez desse homem que eu conheci, o P.e Benjamim Salgado, é preciso: «lembrá-lo, saudá-lo, venerá-lo, ensiná-lo às crianças, apontá-lo às gerações novas — é dever de civismo, é imperativo de patriotismo. Exige-o a própria justiça.»

É a justiça que faço neste momento, estar aqui. Muito obrigado.

crónica de:

Mário
Neiva

JUVENTUDE e DIDACTICA

Noticiário associativo da JAEOCA

A margem da Exposição Bio-Bibliográfica de Correia de Oliveira

Esteve patente ao público de 9 a 16 de Agosto passado, no pavilhão desportivo da escola preparatória de Esposende, uma exposição evocativa da vida e obra de A. Correia de Oliveira, levada a cabo pela Câmara Municipal em colaboração com a JAEOCA.

Estiveram expostos numerosos objectos pessoais, bem como diplomas, condecorações, retratos, pinturas, correspondência, manuscritos, obras inéditas e a obra completa — perfazendo um total de mais de uma centena de objectos em exposição. Despertavam especial atenção algumas míseras de Fernando Pessoa, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão e Afonso Lopes Vieira, entre outros.

Contrariamente ao que seria de esperar tal iniciativa esteve longe de obter o impacto merecido: Esposende tem todo o aspecto de um meio culturalmente morto.

Comparativamente com Antas, por exemplo. — Onde esta mesma exposição foi visitada por milhares de pessoas — seríamos logicamente levados a concluir que o «interesse» por assuntos de índole cultural é incomensuravelmente menor...

Certo é que houve falhas graves na organização. Mas — havemos de concordar — menos de uma centena de pessoas numa exposição concelhia de uma semana é desastroso. Se nas mesmas horas houvesse porventura outras manifestações culturais «como sessões de cinema — já não diríamos teatro porque não comporta satisfações violentas para o espectador recalcado) compreendia-se.

Então porque é que as pessoas põem de parte assuntos deste teor e não querem tirar daí os dividendos? Cinema, teatro, leitura, exposições são frontalmente assuntos para os ociosos e «ratos de biblioteca», que têm tempo para «essas» coisas. E estas manifestações culturais são preteridas, sem escolha racional, por momentos inúteis de café ou bailaricos! ...

Restaria o desporto como contraproposta. Mas que desporto?! A prática elitista do futebol de clubite — com pretensões de alta competição? Maus sintomas...

E assim vai entre nós a cultura. A necessitar de uma educação primária urgente entre as pessoas e depois entre as instituições, como bem se vê.

Torneio de Futebol de Salão

Após uma semana organizada de treinos vai iniciar-se, no próximo dia 2 de Setembro, o 1.º Torneio de Futebol de Salão para equipas locais.

Estão inscritas seis equipas, cada uma delas composta por dez elementos. São elas: «Serralharia Carvalho» (Monte); «Pau-Feito» (Estrada); «ASA» (Azevedo); «Metal Antas» (Pereira); «Construções Félix» (Azevedo) e «C. Camões» (Guilhetta).

Os jogos terão lugar às terças, quintas e sábados, a partir das 21 horas, no parque desportivo paroquial. As entradas individuais para os espectadores serão a dez escudos.

Dado o número de equipas inscritas será disputado um campeonato em duas voltas.

Conselho Municipal

Teve lugar em 14 de Agosto p.p., pelas 20,30 horas, a primeira reunião ordinária do Conselho Municipal, que tinha como ponto único da agenda a discussão e aprovação do Regimento para o referido Conselho.

Dos 23 elementos por que é composto estiveram presentes 15 (dois mais o representante da JAEOCA) de modo que, após discussão na especialidade dos vários artigos, o Regimento foi aprovado pela unanimidade das pessoas presentes.

Subsídio para o Gimnodesportivo

A JAEOCA solicitou, no mês passado, um subsídio ao Governo-Civil do distrito, para a cobertura das dívidas contraídas com a construção do complexo desportivo paroquial. O pedido foi julgado improcedente, mas foi pedida, por gentileza do G.C., a

atenção da delegação de Braga da D.G.D. Marcada entrevista com o delegado da Direcção-Geral de Desportos, esta veio a efectuar-se no passado dia 27 de Agosto.

As coisas parecem bem encaminhadas, dado que o delegado da D.G.D. endereçou o pedido para o Fundo de Fomento Desportivo. A ver vamos.

Serviço Militar

Para cumprirem o serviço militar foram chamados nesta 3.ª incorporação anual, alguns mancebos desta freguesia, entre os quais António Rolo, Mário Saleiro e António Pires, elementos responsáveis da Associação, respectivamente nos cargos de vogal da Assembleia-Geral sector de Actividades Livres e corresponsável do sector de Desporto e Educação Física.

Em 29-8-80 teve lugar a reunião da Direcção, finda a qual se seguiu uma pequena festa de despedida e agradecimento aos novos recrutas.

O Rio Neiva em Exposição Fotográfica

Na impossibilidade de ser levada a cabo em Agosto estava patente ao público no Centro Paroquial uma exposição fotográfica sobre o rio Neiva, entre 7 e 14 do corrente.

O tema dominante do certame prende-se com a zona que viria a ser afectada pelo despejo dos esgotos da zona industrial: o rio desde Forjães, passando por Antas, S. Romão e Castelo de Neiva, nos seus aspectos mais típicos e passíveis de serem aproveitados turisticamente.

O horário de abertura para o público é o seguinte:

Domingo: todo o dia.

Dias da semana: Das 20 às 23 h.

Realce-se a oportunidade da iniciativa, numa altura em que se evoca a efeméride da manifestação popular contra o despejo dos esgotos, a 10 de Setembro do ano transacto.

AS PALAVRAS DOS OUTROS

Parque Desportivo de Antas

Nos dias 12 e 13 de Julho foi solenemente inaugurado o Parque Desportivo Paroquial de Antas, empreendimento que torna a JAEOCA credora dos mais encomiásticos elogios.

A JAEOCA é uma organização da juventude de Antas, que bem merecia fosse implantada em todas as paróquias.

O novo Parque de jogos, com bancadas e balneários, representa um precioso aumento do já famoso «complexo» paroquial de Antas: Centro, Parque Infantil, Monumento ao Emigrante, Avenida do Cruzeiro

e Adro, surgindo agora o Parque Desportivo.

A freguesia de S. Paio de Antas, mercê do dinamismo do seu pároco, do entusiasmo da sua juventude e do brio dos seus moradores e emigrantes entrou no caminho de um progresso dignificante e exemplar, que a vão alcançando na vanguarda das freguesias deste concelho.

O que ali se vê é obra de todos. Aqui reside o mérito. Por isso, o Sr. Presidente da Câmara, no acto da inauguração, dizia: «Este empreendimento é, na verdade, um

grande exemplo para o concelho de Esposende».

Também nós estivemos em Antas a consagrar o belo exemplo de uma paróquia que se preocupa com uma juventude sã, em corpo e alma.

Enquanto no Parque desenvolvem as forças físicas, no Centro Paroquial buscam a cultura do espírito e a formação integral da sua alma.

Bem haja, S. Paio de Antas.

«Renascença»

SOUBEMOS E REGISTAMOS

(Continuação da 8.ª pág.)

rique Coelho, secretário nacional da UGT, a CGTP/Inter primou pela ausência...

Podemos garantir que a falta de comparência não foi motivada por censura feita por Proença de Carvalho ou por qualquer outro responsável de programas da RTP.

O motivo foi outro. Seria impossível encaixar a cassetete do PC ou vender a banha de cobra comunista que está cada vez mais desacreditada!!!

Parece que as autoridades soviéticas estão a fazer os possíveis para que o

povo russo não saiba o que se está a passar na Palónia...

Pelos vistos os acontecimentos da Polónia não fazem parte da verdade a que os russos têm direito!...

Álvaro Cunhal foi passar férias à Bulgária. A chegada disse que o clima desse país era muito parecido com o de Portugal. Daí o conselho que deu aos portugueses: ir passar férias à Bulgária...

Nós ficamos com pena de que Cunhal não nos tivesse explicado o milagre de poder ir passar férias à Bulgária... ganhando apenas 7 contos por mês!...

D. António José Rafael, Bispo de Bragança, publicou uma Carta Pastoral recor-

dando a todos os seus diocesanos a obrigação grave de votar. Esta Carta Pastoral é recheada de verdades que desagradam a muita gente. Diz-nos que Portugal é «um País, onde é mais fácil desfazer um contrato matrimonial do que um contrato laboral»...

E nós acrescentamos que isto só foi possível graças à Ideologia marxista que minou toda a legislação portuguesa posterior ao 25 de Abril, na mais flagrante contradição com as tradições profundamente cristãs do nosso povo!

E o Bispo de Bragança diz muito mais nessa notável Carta Pastoral: Portugal é «um País, que para dois milhões de lisboenses atribui 50 deputados, e para outros tantos emigrantes apenas dois»...

Esperemos que estas verdades não sejam consideradas mentiras! É que a cegueira partidária só aceita como verdade o que ao Partido convém!

REPÓRTER BANAL

Nós, a Igreja e as Eleições

(Continuação da 1. página)

2. Tomemos como base desta nossa pequena dissertação, o último documento da Conferência Episcopal Portuguesa de 7 de Julho sobre as próximas eleições. Nela se diz nomeadamente: «A Igreja não tem partido ou partidos seus, como também não aceita que nenhum partido ou movimento ou dirigente político se arvora em defensor exclusivo ou privilegiado do pensamento e dos interesses da Igreja».

Afirma, ainda, aquele documento que todos os cidadãos devem saber escolher quem esteja «atento aos reais problemas e aspirações do povo, capaz de promover medidas legislativas justas e adequadas ao bem comum».

É necessário um esforço permanente de todos os portugueses, mas dos católicos muito mais, para «combater o abstencionismo por todos os meios legítimos, sobretudo através de um esclarecimento das pessoas, que ponha em relevo a importância do voto e vença o eventual sentimento de desencanto ou frustração ocasionado por resultados sociais ou políticos de eleições anteriores».

Mas, porque «César é independente em relação à Igreja, mas não em relação a Deus» é que os católicos devem, no momento da sua opção política e do exercício do direito de votar, tem em consideração «os valores do Evangelho e a doutrina social da Igreja. Por isso, não lhes é lícito dar o voto a partido ou pessoas que se propõem realizar projectos de sociedade incompatíveis com a fé, nomeadamente os de inspiração e conteúdo materialista, como são o colectivismo marxista ateu e o puro capitalismo liberal».

«Votar é assunto de consciência, que não se compadecer com manipulações ou pressões abusivas, provenham elas dos dirigentes políticos, dos profissionais da Comunicação Social ou de quaisquer outras pessoas ou grupos».

No fundo a posição da Igreja é a também por nós partilhada inteiramente. Resta-nos dizer com D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto: «Votemos livremente, mas para salvar, sempre e de novo, a liberdade».

Adélio Neiva

Castelo em notícias

por ZITA MIRANDA

A IMAGEM DA MORTE

25 de Julho!
O mar calmo. O tempo mais ou menos bom.

O barco S. Francisco parte, tal como diariamente para a sua faina habitual, a pesca.

Certamente que os seus tripulantes António Pereira de Magalhães e Manuel de Brito Coutinho Maltez estavam conscientes que iriam voltar para terra com o fruto do seu trabalho.

Infelizmente, a quando da recolha das «galolas» foram surpreendidos por uma onda que ao bater-lhes no casco do barco o fez naufragar. Lutam então desesperadamente contra a morte, no intuito de alcançar terra durante 1 hora e 30 minutos ao fim do qual o sr. António Magalhães esgotado de todas as suas forças não consegue resistir à fadiga do seu corpo. O outro o sr. Manuel Maltez alcançando uma rocha, pede auxílio e é atendido por um barco da Amorosa, que ouvindo o seu apelo partiu ao seu encontro para o salvar. Ainda esteve no hospital, mas recuperou facilmente.

O outro, vítima talvez da vetustez do mar, foi dado à costa, passados dias.

LOTA

Foi mais ou menos no fim de Março princípios de Abril que o feixe das 60 embarcações de Castelo do Neiva começou a ser vendido numa barraca à qual chamam lota.

Segundo dizem a referida Lota é dotada de uma higiene precária e fracas condições de trabalho. De todas as embarcações apurou-se:

Abril	1 864 466\$00
Mai	1 830 176\$80
Junho	1 430 188\$60
Julho	2 302 033\$80
Agosto	1 692 493\$90

P. S.—Deste dinheiro ainda se fizeram descontos no total de 17,6%.

CORTEJO

Realizou-se no passado dia 3 de Agosto um cortejo que incluí pinheiros, eucaliptos, mato, animais vivos, tabuleiros, marisco, bebidas, etc.

O cortejo foi a favor da construção da sede dos Escuteiros e Guias de Portugal. No fim somou-se 131 040\$00.

Não foi mau, mas poderia ser melhor. A todas as pessoas que participaram o nosso muito obrigado.

OBRAS NA IGREJA

Com a falta de mão-de-obra, as obras da igreja tem andado em passo lento. Mesmo assim os gastos já atingiram os 441 166\$70. Há um saldo de 569 187\$20.

ACIDENTES MORTAIS

— Foi no passado dia 24 de Agosto que o jovem, Manuel Pires Vaz, partiu para junto do Pal.

Estando a conversar com uns amigos junto à berma da estrada foi fortemente embatido por uma viatura francesa que ao atingir-lhe o crâneo, a morte o acolheu.

Contava 16 anos de idade. Nasceu a 10 de Novembro de 1963 na freguesia de Castelo do Neiva no seio de uma família humilde.

— José Pires. Quase cinquenta e três anos de vida. Foi na manhã de 29 de Agosto, aquando da sua deslocação de mota, de Viana para Castelo do Neiva que o sr. José Pires nos deixou. Acidente trágico, devido a causas incertas e desconhecidas no qual se consta que a mota caiu para um lado e ele para o outro, sendo mortalmente atingido por uma camioneta de passageiros.

Já sem vida transportaram-no para o hospital de Viana.

Deixou viúva a sr. Laurinda Gonçalves Pires.

As famílias enlutadas as nossas condolências.

Zé do Campo

IN ILLO TEMPORE!...

O MANELZINHO NEVES, O «TELOURO»

— uma figura típica

Quantas pessoas vivem que o conheceram e quantas outras se lembram de passagens castiças da sua vida!

Homem de vida simples, honesto e respeitador, tinha para com todos o trato medido de «senhor» e «senhora». Porém, adorava que, por sua vez, fosse tratado por Senhor Manuelzinho, o que, quando acontecia, lhe dava o maior prazer.

Nasceu no ano de 1882, de mãe, natural desta freguesia, e de pai, de Belinho da família das Neves, moradores em Azevedo, numa casa que existiu no sítio onde hoje existe a casa do Senhor Eduardo Agra.

Pouco amigo de trabalhar, era obrigado pela mãe e pela irmã a levar uma vaca ou uma toura a pastar numa leira arrendada pela sua família na Gramosa, pertencente à família Saleiro.

Normalmente, ao meio-dia, ia comer o caldo numa casa de Guilheta. Um dia, lá foi como de costume e comeu mais cedo, antes que a família chegasse do trabalho. Ainda comia, quando chegaram todos para almoçar. Acabou, agradeceu e quando ia a retirar-se, o falecido José Pilatos, que trabalhava nessa casa, lhe diz:

— «Já que comeste, vais sachar; pois que quem como tem de trabalhar, e tu não és velho nem doente... E quem manda hoje

aqui sou eu! Não é nem a patroa, nem o patrão!...»

— «Não tenho enxada!...» — respondeu-lhe o «Telouro».

— «A enxada já está pronta!» — retorquiu-lhe José Pilatos. E ele lá se foi encostar à porta do forno a ver se conseguia sair sem ser visto.

Entretanto, o patrão disse-lhe que podia sair, mas que fazia bem que trabalhasse um

pouco... A partir daí o Manuelzinho nunca mais comeu na cozinha mas pedia-o do caminho em frente à janela da cozinha.

Uma coisa que ele muito gostava de fazer era cantar ou dançar. Cantava e dançava com um salote de quartos vermelhos, os cânticos que se cantavam na Procissão de Nossa Senhora das Vitórias.



● Foram gastos 1 100 contos para ornamentar o andor de N.ª S.ª das Vitórias? Oferta de Maria Emília R. Magalhães.

● Houve um encontro-convívio de jovens de S. Paio d'Antas, Forjães, Marinhas e Gandra, em Santa Tecla, no passado dia 16 de Agosto?

● Haverá novo C. P. M. (Curso de Preparação para o Matrimónio) a realizar no último domingo de Outubro até Dezembro?

● Em Fevereiro teremos a Visita Pastoral?

● A «tia» Lajota completou 80 anos de vida, no passado dia 30 de Agosto? Foi motivo para festa com seus familiares e amigos?

● Manuel Fernandes de Sá festejou o 80.º aniversário a 6 de Agosto na companhia dos filhos e a maioria dos netos? Festejará 60 anos de casamento no dia 22 de Novembro.

● Em Julho, o Bar da Sala convívio do Centro Paroquial, rendeu 33 120\$00, tendo como responsáveis, Emílio Meira, Manuel Pires e Candinho Ferreira?

● Abriu nova garagem de motorizadas e bicicletas, no L. da Estrada, propriedade de Manuel Albino Martins de Sá?

● Haverá feira quinzenal em S. Roque (Forjães todos os Sábados, de quinze em quinze dias, alternando com a feira de Espoende, sendo a Feira Franca de inauguração no dia 6 de Setembro? E que o calendário das feiras é o seguinte:

SETEMBRO — Dias 6 e 20.

OUTUBRO — Dias 4 e 18.

DEZEMBRO — Dias 1, 15 e 29.

Aproveite a ida à Feira e faça uma visita ao:

CENTRO COMERCIAL ALVORADA (perto do Cruzamento de Forjães), onde encontrará muito do que precisa.

Atenção leitor

«VOZ DE ANTAS»: IMPORTANTE...! \$\$\$\$

Se até ao fim deste mês de Setembro não pagar a assinatura do seu jornal — VOZ DE ANTAS — suspender-lhe-emos o seu envio. Cá ficamos novamente à espera da vossa resposta que esperamos seja generosa!

A ADMINISTRAÇÃO